

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

DIEGO SILVEIRA DA CUNHA

**O DESENVOLVIMENTO HUMANO COMO PROTOTÍPICO PARA A MATURAÇÃO
ESPIRITUAL PELO DISCIPULADO: UMA ABORDAGEM A PARTIR DA LÓGICA
DO ESPÍRITO DE JAMES E. LODER**

São Leopoldo

2019

DIEGO SILVEIRA DA CUNHA

**O DESENVOLVIMENTO HUMANO COMO PROTÓTIPO PARA A MATURAÇÃO
ESPIRITUAL PELO DISCIPULADO: UMA ABORDAGEM A PARTIR DA LÓGICA
DO ESPÍRITO DE JAMES E. LODER**

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Teologia Prática
Linha de Pesquisa: Dimensões do
Cuidado e Práticas Sociais

Orientadora: Karin Hellen Kepler Wondracek

São Leopoldo

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C972d Cunha, Diego Silveira da

O desenvolvimento humano como prototípico para a maturação espiritual pelo discipulado: uma abordagem a partir da lógica do espírito de James E. Loder / Diego Silveira da Cunha; orientadora Karin Hellen Kepler Wondracek. – São Leopoldo : EST/PPG, 2019.

99 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2019.

1. Discipulado (Cristianismo). 2. Desenvolvimento humano. 3. Transformação. 4. Loder, James E. (James Edwin), 1931-2001. I. Wondracek, Karin Hellen Kepler, 1956 -. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

DIEGO SILVEIRA DA CUNHA

**O DESENVOLVIMENTO HUMANO COMO PROTOTÍPICO PARA A MATURAÇÃO
ESPIRITUAL PELO DISCIPULADO: UMA ABORDAGEM A PARTIR DA LÓGICA
DO ESPÍRITO DE JAMES E. LODER**

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Teologia Prática
Linha de Pesquisa: Dimensões do
Cuidado e Práticas Sociais

Data de Aprovação:

Karin Hellen Kepler Wondracek – Doutora em Teologia – Faculdades EST

Júlio César Adam – Doutor em Teologia – Faculdades EST

Thomas Heimann – Doutor em Teologia – ULBRA

Dedico esta obra a todos aqueles e aquelas que, por meio de Jesus Cristo, têm posto suas mãos no arado, com abnegação e persistência, contribuindo para que muitos outros cristãos sejam gerados, nascidos e aperfeiçoados.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, que com sua multiforme graça tem se revelado e me alcançado, por meio de Jesus Cristo. O Senhor tem me feito desfrutar de uma vida consciente de sua Presença, cuidado e propósitos desde a infância, através de seu Espírito.

À minha esposa, Camila, que com paciência suportou cada momento intenso dos últimos dois anos, por meio dos quais esta pesquisa veio à tona, sendo a principal pessoa com quem foi possível dividir angústias, inquietações e dilemas, emergentes durante todo este processo.

Ao meu pai espiritual, Ricardo Wagner, um dos maiores responsáveis pelo “sonho de um mestrado” ser gerado, bem como por causar em mim uma paixão pelo estudo do discipulado.

À minha orientadora, Karin Wondracek, que, com sua profunda humanidade e solidariedade, buscou constantemente compreender cada pensamento, proporcionou liberdade ao fluir dos resultados e apresentou-me à obra de James E. Loder, cujos escritos tornaram-se os grandes alicerces acadêmicos desta pesquisa.

Meu muito obrigado!

A verdadeira espiritualidade cobre toda a realidade.

Francis A. Schaeffer

RESUMO

Esta pesquisa propõe um estudo analógico do desenvolvimento humano com vistas à maturação espiritual pelo discipulado. Como desdobramento, desencadeia-se uma investigação que resgate a perspectiva holística do cristianismo, dada a influência cultural do dualismo sobre a práxis eclesial. Estendendo este viés especialmente ao discipulado, como vínculo entre cristãos que se auxiliam mutuamente para o conhecimento de Deus e a prática de sua fé, em crescente desenvolvimento, este trabalho desenvolve-se pela relacionalidade; e esta pode ser compreendida em uma profundidade translúcida quando correlacionada e vislumbrada através da natureza humana. Edifica-se, assim, uma perspectiva bíblica em diálogo com os postulados teológicos e interdisciplinares de James E. Loder, no que este intitula como uma divina Lógica do Espírito, presente intrinsecamente na humanidade. Esta lógica permitirá a analogia do discipulado a um padrão humano de desenvolvimento com base na relacionalidade Espírito-espírito, de formas menos complexas para formas cada vez mais complexas, em ciclos transformacionais que compõem o curso da existência humana, ancorados nas teorias de desenvolvimento humano de René Spitz. O referido padrão pode ser trazido para a relação de discipulado, quando compreendido em sua essência e capacidade transformadoras. Loder não somente conceitua os processos de transformação e desenvolvimento humano, em diálogo interdisciplinar, como também ressignifica a existência humana numa perspectiva cristã, objetivando a plenitude a partir da descoberta do Sagrado. Uma das possibilidades da descoberta do Sagrado surge através do discipulado, em suas múltiplas faces. Nesta relacionalidade, um novo sentido emerge à teologia prática deste eixo do cristianismo.

Palavras-chave: Discipulado. Desenvolvimento humano. Relacionalidade. Transformação. James Loder.

ABSTRACT

This research proposes an analogical study of the human development aiming at spiritual maturation through discipleship. As an unfolding of this, an investigation is put into effect to recover the holistic perspective of Christianity, given the cultural duality of the ecclesiastical practice. Extending this perspective especially to discipleship, as a bond between Christians who mutually help each other in the knowledge of God and the practice of their faith in growing development, this work is developed through relationality; and this can be understood in translucent depth when co-related and visualized through human nature. Thus, a biblical perspective is edified in dialog with the theological and interdisciplinary postulates of James E. Loder, in which this is entitled as a divine Logic of the Spirit, intrinsically present in humanity. This logic will permit the analogy of the discipleship to a human pattern of development based on the relationality Spirit-spirit, of less complex forms to ever more complex forms, in transformational cycles which compose the course of human existence, anchored in the theories of human development of René Spitz. The referred pattern can be brought to the relation of discipleship, when understood in its transforming essence and capacity. Loder does not only conceptualize the processes of human transformation and development, in interdisciplinary dialog, but also re-signifies human existence in a Christian perspective, aiming at the fullness which stems from the discovery of the Sacred. One of the possibilities of the discovery of the Sacred emerges through the discipleship, in its multiple facets. In this relationality, a new meaning emerges for practical theology from this approach of Christianity

Keywords: Discipleship. Human development. Relationality. Transformation. James Loder.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	17
2. O ESPIRITUAL VISLUMBRADO POR MEIO DO NATURAL.....	23
2.1. A espiritualidade no pensamento hebraico	25
2.2. A espiritualidade na igreja primitiva.....	29
2.3. A Lógica do Espírito de James E. Loder	34
3. O DISCIPULADO CRISTÃO E O DESENVOLVIMENTO HUMANO	39
3.1. Uma percepção limitada do discipulado.....	41
3.2. O discipulado como filiação espiritual	43
3.3. Uma perspectiva teológica do desenvolvimento humano	48
3.4. O primeiro ciclo de vida como prototípico da perspectiva teológica do desenvolvimento humano e sua correlação com o discipulado cristão	50
3.4.1. Nascimento.....	52
3.4.2. Boca	55
3.4.3. Face.....	59
3.4.4. Angústia.....	61
3.4.5. Negação	63
4. MOMENTOS TRANSFORMADORES: A CHAVE DO DESENVOLVIMENTO...	65
4.1. Experiências de Convicção	67
4.1.1. O processo de convicção	69
4.2. A Lógica da Transformação	72
4.2.1. Conflito	73
4.2.2. Escaneamento.....	74
4.2.3. Insight.....	76
4.2.4. Libertação e repadronização	77
4.2.5. Interpretação e verificação	78
4.3. As Dimensões da Transformação	79
4.3.1. O Mundo Vivido	80
4.3.2. O Self	81
4.3.3. O Vazio	83

4.3.4. O Sagrado	83
5. CONCLUSÃO	85
REFERÊNCIAS	89

1. INTRODUÇÃO

A pluralidade das práticas do cristianismo tem produzido uma vasta gama de padrões dogmáticos que sistematizam a maneira como cada parte do Corpo de Cristo estabelece suas convicções e práticas institucionais.¹ Em contrapartida, a pós-modernidade imprime suas características fluidas e relativas em todas as esferas sociais, incitando ao hedonismo, à individualidade e à subjetividade, em “uma era ‘pós-paradigmática’ na história da cultura”,² no que Paulo Afonso Butzke sintetiza como “o processo de dissolução das formas da espiritualidade tradicional”.³ Assim, a prática da fé cristã tornou-se um desafio social e antropológico de duplo enfrentamento: na esfera religiosa, em como viver uma espiritualidade que não se resume à tradição ou doutrina; na esfera social pós-moderna, em como obter raízes profundas que tragam sentido à existência, para além de, simplesmente, um bem-estar pessoal ou de plena relativização momentânea. Segundo o teólogo N. T. Wright, a espiritualidade, no contexto filosófico e social pós-moderno, tornou-se como “um *hobby* pessoal, uma versão moderna de devaneio, para aqueles que gostam desse tipo de coisa”,⁴ sendo concebida como um acessório para quem deseja se envolver com algo do tipo.

Restringindo esta busca por sentido à prática do cristianismo, sob olhar mais específico a uma das esferas que tangem este cenário, uma das principais vertentes da prática de vida cristã (e conseqüente espiritualidade) gira em torno do eixo teológico prático do discipulado. Dar sentido a este eixo torna-se o objeto deste estudo. O discipulado, por sua vez, remete à preocupação eclesiástica de perpetuar e honrar o legado ministerial do próprio Cristo, que concentrou seu ministério, em grande parte, na formação de seus discípulos, estendendo a eles, neste quesito, um comissionamento imperativo, como um de seus desejos mais profundos, ao declarar um desígnio tanto para aquela geração quanto para a posteridade da igreja:

Então, Jesus aproximou-se deles e disse: “Foi-me dada toda a autoridade nos céus e na terra. Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações,

¹ TILLICH, Paul. *História do Pensamento Cristão*. São Paulo: ASTE, 1988. p.11-16.

² BAUMAN, Zygmunt. *A cultura no mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. p.18.

³ BUTZKE, Paulo Afonso. Aspectos de uma espiritualidade luterana para nossos dias. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 43, n. 2, p.104-120, 2003. p.117.

⁴ WRIGHT, N. T. *Simplesmente Cristão*. Viçosa: Ultimato, 2008. p.31.

batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos". (Mt 28:18-20)⁵

Neste relato supracitado do Evangelho segundo Mateus, é possível observar que o conceito de discipulado está conectado, concomitantemente, a diversos atributos: uma ampliação da esfera de ação eclesiástica; uma tarefa comum a todos os discípulos de Cristo; o alcance do Reino de Deus a todos os povos; e a responsabilidade de que discípulos mais maduros ensinem, aos novos que são gerados, tudo o que têm recebido por meio de seu relacionamento com o Senhor. Ou seja, não parece que as relações de discipulado, o aprendizado e vivência a partir de conceitos que compõem a espiritualidade e o propósito da igreja, sejam, aos olhos de Jesus, uma mera opção a indivíduos que tenham apreço por tais práticas. O discipulado, nos moldes bíblicos, parece mais se tratar de um atributo natural e imprescindível desta confissão de fé.

A ausência ou deficiência das relações de discipulado no ambiente do Corpo de Cristo faz com que o cristianismo caminhe tendenciosamente para o que Dietrich Bonhoeffer denomina como graça barata, numa certa banalização do evangelho e superficialidade da vida cristã.⁷ Segundo Bonhoeffer, "a graça barata é a graça sem discipulado".⁸ Neste entendimento, é o discipulado que torna viva e aplicável a Palavra de Deus, que produz transformação e maturidade, sendo parte indispensável para a vida da igreja. Bonhoeffer assinala, corroborando este contexto, que "com a expansão do cristianismo e o crescimento da secularização da Igreja, a consciência da graça preciosa foi se perdendo"⁹ e, ainda, que "mesmo sendo a graça o 'resultado' da vida cristã, dado pelo próprio Cristo, essa vida não está, em nenhum momento, dispensada do discipulado".¹⁰

Contudo, para que seja possível buscar restaurar a prática do discipulado e a consequente obtenção de tais atributos que este carrega por sua natureza, é necessário compreender uma necessidade implícita naquela afirmação de Jesus (Mt

⁵ BÍBLIA. Português. Nova Versão Internacional. 2003. BARKER, Kenneth (Org.). *Bíblia de Estudo NVI*. São Paulo: Editora Vida, 2003.

⁶ Todas as citações bíblicas serão elucidadas no corpo do texto. Salvo quando indicado o contrário, a versão em português utilizada é a Nova Versão Internacional (NVI).

⁷ BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. São Paulo: Mundo Cristão, 2016. p.19-31.

⁸ BONHOEFFER, 2016. p.20.

⁹ BONHOEFFER, 2016. p.22.

¹⁰ BONHOEFFER, 2016. p.26.

28:19): qual deve ser a espinha dorsal em torno da qual as relações de discipulado se sustentam e se constituem? Jesus delegou autoridade, detalhou características sobre o batismo e sobre sua presença como garantia à resposta daquele comissionamento, mas não especificou metodologicamente os caminhos através dos quais o discipulado deveria ser trilhado. Justamente sob esta angústia, emerge a problemática que motiva esta pesquisa: diante de tantos modelamentos e doutrinas cristãs, seria possível resgatar características fundamentais ao discipulado, vislumbradas a partir da própria natureza humana, em seu desenvolvimento, nas relações parentais e através da intrínseca imagem e semelhança de Deus?

Implicitamente, é possível analisar que a prática de discipulado como amadurecimento cristão, no sentido de transmitir tudo o que de Cristo foi recebido, é correlacionada, biblicamente, por exemplo, ao batismo, como uma forma de novo nascimento (Mt 28:19; Jo 3:3-8; Rm 6:3-4), e ao ensino, como forma de um processo de maturação (Mt 28:19; 1Jo 2:12-14). Neste aspecto analógico, é possível instigar uma correlação entre a cultura veterotestamentária e o desenvolvimento humano em sua natureza e relações parentais familiares para com o discipulado, como na afirmação de Wolfgang Simson:

Na cultura hebraica, o pai da casa era o professor, que instruía sua família durante a refeição. O ensino estava mais direcionado para desenvolver habilidades, ou seja, mostrar a alguém como se faz as coisas, e menos para explicar por que as coisas são assim como são. O alvo do ensino no Novo Testamento não é a transmissão unilateral do conhecimento, mas consiste em ajudar pessoas a obedecer melhor a Deus e poder colocar-se melhor à disposição dos seus propósitos.¹¹

Esta afirmação pode ser lida como essencial a uma relação de discipulado sadia, natural e orgânica. Assim, a partir deste desdobramento, surge uma centelha para a primeira parte desta pesquisa: o espiritual vislumbrado por meio do natural. Nesta primeira abordagem, serão analisados aspectos culturais sociológicos e filosóficos, de forma introdutória, para a investigação da influência do dualismo sobre as práticas do cristianismo, especialmente no aspecto central das relações de discipulado. Como a cultura ocidental, a cultura veterotestamentária (hebraica) e neotestamentária (igreja primitiva) compreendem, dialogam ou conflitam sobre a

¹¹ SIMSON, Wolfgang. *Casas que transformam o mundo: igreja nos lares*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2001. p.98-99.

possibilidade de se compreender os atributos espirituais através dos atributos naturais da criação e da humanidade?

Como fechamento da primeira abordagem desta investigação, surgem os estudos interdisciplinares, com viés teológico, de James E. Loder, que propõe uma atuação constante e tácita de Deus sobre toda a criação, bem como sobre a humanidade, por relacionalidade com Seu Espírito, através de uma lógica própria, que pode ser vislumbrada e compreendida dentro de alguns padrões existenciais humanos. Tal lógica seria capaz de passar de intrínseca e indireta, a uma nova concepção de realidade, diretamente afetada por Seu Espírito?

Kenneth Kovacs resume o cerne das teorias loderianas como uma “pneumatologia fenomenológica relacional”.¹² Em outras palavras, afirma que a atuação do Espírito de Deus sobre o ser humano, na concepção do cristianismo, é compreendida fenomenologicamente através de uma relacionalidade. A partir desta compreensão, numa cosmovisão holística e embasada biblicamente, emerge a segunda abordagem desta pesquisa, na busca de ressignificar o discipulado através da atuação relacional do Espírito de Deus sobre o espírito humano: o discipulado cristão e o desenvolvimento humano.

Esta possível ressignificação do eixo teológico prático da essência do discipulado passa necessariamente por uma análise da pervasiva superficialidade relacional que a cultura cristã pós-moderna possa ter desencadeado neste quesito, na qual parece haver uma mentalidade relacional análoga às relações escolares, entre professores e alunos. De forma mais profunda, é possível investigar tal relacionalidade numa perspectiva familiar espiritual, percebendo o discipulado primordialmente como uma relação de filiação espiritual, muito mais profunda do que mera transmissão de informação ou ensino formal.

Investigado este aspecto, descortina-se uma perspectiva teológica do desenvolvimento humano, corroborada pelos postulados loderianos em sua base psicológica e antropológica para a compreensão do desenvolvimento humano sob uma lógica relacional divina. Tal aproximação psicológica se dá por meio dos axiomas de René Spitz como resultado de seus estudos sobre o primeiro ciclo de vida no

¹² KOVACS, Kenneth E. *The Relational Theology of James E. Loder: encounter and conviction*. New York: Peter Lang Publishing, 2011. p.1. [...] *relational phenomenological pneumatology*. (tradução nossa)

desenvolvimento humano, perpassando quatro principais organizadores da personalidade: boca, face, angústia e negação. Por outro lado, a perspectiva teológica desagua na leitura prototípica deste primeiro ciclo de vida humano, como um padrão a se repetir existencialmente e de forma cada vez mais complexa, produzindo maturidade. Hipoteticamente, assume-se nesta pesquisa que este padrão teológico-natural humano de desenvolvimento pode ser utilizado como analogia à atividade do Corpo de Cristo em exercer as relações de discipulado, produzindo ciclos de maturidade espiritual, constantes e cada vez mais complexos, em direção ao conhecimento de Deus e à vivência de Seus propósitos, aplicados à existência, a partir de premissas bíblicas que validam tal hipótese.

Como fechamento, emerge a terceira parte da presente investigação, já numa linguagem mais puramente loderiana, objetivando-se compreender de que forma momentos transformadores podem ser o elemento-chave para o desenvolvimento do indivíduo, em qualquer etapa de sua existência. Nesta abordagem, serão elucidados postulados loderianos que modelam uma lógica transformacional humana baseada em experiências de convicção, etapas da chamada lógica da transformação e uma abordagem existencial humana que contemple todas as dimensões do ser para que a vida seja experimentada com plenitude de sentido.

Como afirma Hans Bürki:

Muitos assumem uma atitude de rejeição ou desconfiança diante da fé cristã, porque não tem com ela um relacionamento pessoal e diário. Não podem nem querem aceitar simplesmente algo pronto, que vem de fora e com o qual suas vidas não têm relação alguma. [...] Não existe tarefa mais urgente e serviço mais importante à humanidade em nossos dias do que a articulação da fé na própria vida, pois somente quando a fé toma forma em nós mesmos tornamos-nos dignos de crédito em nosso serviço aos homens e para com suas dificuldades.¹³

¹³ BÜRKI, Hans. *Melhor é serem dois: Uma reflexão sobre questões básicas do convívio humano e da comunhão a dois*. São Paulo: ABU, Umuarama: Livros CO-LAB, 1976. p.10.

2. O ESPIRITUAL VISLUMBRADO POR MEIO DO NATURAL

A investigação da correlação entre o discipulado cristão e a natureza do desenvolvimento humano perpassa, fundamentalmente, pela compreensão que se tem da realidade. Tal compreensão contempla a hipótese de que a realidade humana seja ontologicamente holística e pertencente a uma cosmologia na qual se possa vislumbrar seus atributos espirituais ou, no mínimo, possibilitar analogias para tanto, através do âmbito visível da criação e da lógica de vida humana.

Entendendo estes atributos espirituais, que emergem da concepção de realidade, como uma leitura global da espiritualidade cristã, desde o indivíduo até a cosmovisão dos princípios espirituais bíblicos e da pessoalidade e existência de Deus, que transpõem em muito a natureza visível humana, pode-se conectar tal investigação aos princípios herdados pela filosofia judaico-cristã. Assim, a construção desta compreensão é diretamente relacionada e afetada pela maneira como se concebe o todo, como se pensa a realidade, especialmente pela dialética posta diante da cultura ocidental entre o dualismo e o holismo, herdados respectivamente das cosmovisões culturais grega, por indireta colonização, e hebraica, por cristianização.

As cosmovisões culturais humanas são reflexo de sua mentalidade, de seu pensamento a respeito da realidade. Mesmo que a realidade possa ser concebida como uma verdade absoluta e imutável, a capacidade humana de pensá-la acaba também a compondo, especialmente na forma como o indivíduo viverá. Por esta razão, faz-se imprescindível a reflexão sobre o pensamento cosmológico culturalmente estabelecido, uma vez que, como afirma Paul Tillich, “a realidade precede o pensamento, mas também é verdade que o pensamento molda a realidade”.¹⁴

A civilização ocidental da presente era é, em grande proporção, reflexo de um processo de transferência de culturas e filosofias através dos sistemas de colonizações provenientes principalmente do continente europeu, que remontam, de forma mais explícita aos resultados que se têm hoje, desde a expansão dos gregos pelo mundo conhecido (pelo menos desde o quarto século antes de Cristo), com o

¹⁴ TILLICH, 1988. p.11.

estabelecimento da filosofia como base a ser transferida dentro de uma cultura. John Beckett, por exemplo, afirma que “na cultura ocidental as lentes pelas quais vemos o mundo foram coloridas por quase três mil anos de pensamento grego”.¹⁵ E é neste mesmo contexto que Peter Wagner também afirma que “a maior parte de nós, nascidos no continente americano e que podemos traçar nossa linhagem até a Europa Ocidental ou às Ilhas Britânicas, tivemos a nossa mentalidade moldada em grande parte pela filosofia grega”.¹⁶

Esta mentalidade grega molda tanto a maneira de pensar a sociedade quanto muitas das concepções de espiritualidade e religiosidade. Facilmente concebe-se Deus e seus anjos como figuras similares às do Olimpo, por exemplo. Ainda segundo Wagner, o filósofo Platão foi o grande responsável por transmitir, nesta corrente filosófica social estabelecida por muitos pensadores gregos através das gerações, um conceito que afeta diretamente nossa concepção de espiritualidade: o dualismo. Este dualismo, que originalmente separou o mundo das ideias do mundo da matéria, posteriormente veio a ser fonte de uma separação filosófica entre tudo o que fosse carnal como sendo concreto e o que fosse espiritual como abstrato.¹⁷

O dualismo, portanto, é a raiz da concepção de separação entre os atributos naturais e espirituais, especialmente na perspectiva cultural ocidental, sendo historicamente combatido pela dogmática cristã. Paul Tillich, por exemplo, enaltece que o primeiro artigo do Credo Apostólico, sobre Deus como Todo Poderoso e como criador do céu e da terra, é de extrema relevância teológica, pois “por meio dessa confissão, o cristianismo se separou da interpretação dualista da realidade presente no paganismo”,¹⁸ ao assumir que Deus, um ser espiritual, age diretamente sobre a esfera natural. Contudo, na prática, as concepções dualistas continuam arraigadas ao cristianismo em geral, confabulando a premissa de que apenas em alguns ambientes e atividades específicas, como dentro da igreja ou em práticas ritualísticas religiosas que “acessem o transcendente” nas mais diversas formas, exista fomento ou acesso à espiritualidade, enquanto que em práticas cotidianas, como trabalho, lazer, estudos,

¹⁵ BECKETT, John D. *Adoro Segunda-Feira!* O empresário cristão a serviço do Reino de Deus. São Paulo: ABU Editora, 2000. p.75.

¹⁶ WAGNER, C. Peter. *Os Cristãos no ambiente de trabalho: como o povo de Deus pode transformar a sociedade*. São Paulo: Editora Vida, 2007. p.17.

¹⁷ WAGNER, 2007. p.17-19.

¹⁸ TILLICH, 1988. p.34.

ou mesmo no tempo dedicado à família, estariam sendo realizadas atividades carnais e, por isso, não concebidas como atingindo a espiritualidade do ser.

2.1. A espiritualidade no pensamento hebraico

Como visto na introdução deste capítulo, o desenvolvimento sociocultural ocidental, essencialmente em sua concepção ontológica e cosmológica, é oriundo, mesmo que indiretamente, da filosofia grega. Devido à inculturação desta filosofia em diversas áreas deste sistema sociológico, parece dura tarefa a percepção do dualismo, quanto mais uma possível libertação. Agora cabe, neste ínterim, adquirir a compreensão de como este pensamento penetrou a constituição da base do cristianismo conhecido e por que importa descortinar os conceitos de espiritualidade na mentalidade hebraica – leia-se os valores e diretrizes incutidos por Deus ao povo com quem Ele estabeleceu uma aliança, no contexto bíblico veterotestamentário.

Mesmo que Jesus tenha vivido e instituído sua igreja num ambiente social de linguagem e certa influência cultural gregas e que Paulo, principalmente, tenha expandido o cristianismo ao mundo grego diretamente (fora dos limites de Israel), ambos o fizeram sobre as bases do judaísmo, legado de todo o pensamento e cultura transmitida por Deus aos descendentes de Abraão. Segundo Beckett, foi Agostinho, através de sua compreensão eclesiástica e como um dos pais da igreja mais influentes da história em termos filosóficos, quem trouxe ao cristianismo, no século V, a abordagem contemplativa e distinta da adoração e da espiritualidade humana, separando-as da vida ativa e produtiva.¹⁹

É numa mesma mentalidade platônica, influenciado por Plotino, no chamado neoplatonismo, que, com terminologias diferentes, Agostinho distingue o sagrado e o profano de forma oposta à cultura hebraica, deixando aquilo que se considera como sagrado apenas para ser desfrutado em atividades eclesiásticas ou, no mínimo, místicas por parte do indivíduo. Através de suas formulações teológicas, Agostinho é o responsável, segundo Christian Overman, pelo estabelecimento de uma profunda distinção entre a “vida contemplativa” e a “vida ativa”.²⁰ Para o pensamento

¹⁹ BECKETT, 2000. p.75-80.

²⁰ OVERMAN, Christian. *Assumptions That Affect Our Lives: How Worldviews Determine Values that Influence Behavior and Shape Culture*. 8 ed. Kindle Edition. Belleuve: Ablaze Publishing Company, 2012. Posição 1698/3070

agostiniano, “oração e meditação eram ‘contemplativo’, enquanto que limpar o piso da cozinha ou engajar-se em comércio ou negócios era ‘ativo’”.²¹ Ainda segundo Overman, se tem conhecimento de que:

A mistura da filosofia platônica com os ensinamentos da igreja conduziu a um dualismo religioso no qual as preocupações eternas da alma foram definidas em desacordo com as preocupações temporais do corpo. A vida “espiritual” era uma vida desanexada do mundo material tanto quanto possível. Votos de pobreza e celibato eram marcas de espiritualidade séria. As ideias platônicas de Agostinho o levaram a uma visão muito negativa da intimidade sexual, mesmo dentro do casamento. A negação dos prazeres físicos, asceticismo, era praticado pela abstinência de alimentos, e algumas vezes até mesmo autoinfligência de dores físicas. Isolamento da sociedade era outra forma de autonegação, como o eram os votos de silêncio.²²

Diante desta identificação de doutrinação dualista grega, ocorrida no desenrolar da história da igreja cristã dos primeiros séculos, com especial contribuição de Agostinho, é necessário que se voltem os olhares de forma mais intensa às raízes nas quais o cristianismo foi estabelecido: o pensamento hebraico. A partir desta construção lógica de raciocínio, qual seria então a cosmovisão hebraica de espiritualidade? No pensamento veterotestamentário, muito anterior à filosofia grega, e pilar da cultura judaica, cujos princípios foram estabelecidos por Deus e herdados pelo cristianismo, será que o mundo natural, visível, era visto com esta total distinção ao espiritual?

No contexto judaico, sobre o qual o cristianismo está originalmente estabelecido, percebe-se uma essência de compreensão dos atributos naturais vinculados completamente aos espirituais, sendo inseparáveis e afetando-se mutuamente. De acordo com James Thwaites, enquanto o centro do pensamento dualista está em separar e fazer clara distinção entre o reino espiritual (invisível) e o reino natural (visível), o pensamento hebraico concebia Deus e seus atributos como presente em todas as situações da vida e sobre toda a criação.²³

²¹ OVERMAN, Christian. 2012. Posição 1699/3070. *Prayer and meditation were “contemplative”, while cleaning the kitchen floor or engaging in trade or business was “active”.* (tradução nossa)

²² OVERMAN, Christian, 2012. Posição 1705/3070. *The blending of Plato’s philosophy with the teachings of the church led to a religious dualism in which eternal concerns of the soul were set at odds with temporal concerns of the body. The “spiritual” life was a life detached from the material world as much as possible. Vows of poverty and celibacy were marks of serious spirituality. Augustine’s Platonic ideas led him to a very negative view of sexual intimacy, even within marriage. The denial of physical pleasures, asceticism, was practiced by abstaining from foods, and sometimes even the self-infliction of physical pain. Seclusion from society was another form of self-denial, as were vows of silence.* (tradução nossa)

²³ THWAITES, James. *Renegotiating the Church Contract*. Carlisle: Paternoster Press, 2001. p.30-31.

Concordando também com Overman, na cosmovisão hebraica, Deus está envolvido diretamente nos atos de criação de todas as coisas, em tudo o que é visível e natural, como enaltecido especialmente nos primeiros capítulos do livro de Gênesis, na Bíblia. Não somente isto, a figura divina criadora é também diretamente responsável pelo sustento e manutenção de sua criação, diferentemente da concepção grega, que propõe a existência da “mãe-natureza” como mantenedora da vida, desvinculada dos deuses adorados, que por sua vez tinham seu mundo e vida próprios.²⁴ Assim, voltando aos conceitos hebraicos, todo o cosmos tem, em si, uma perspectiva relevante do propósito, cuidado e intervenção de Deus, não existindo por casualidade ou por, puramente, um autodesenvolvimento. Literalmente desde o princípio (Gn 1:1), na cultura hebraica, é possível que seja vislumbrado o espiritual através do natural.

Na sequência deste mesmo entendimento e no mesmo contexto de aplicação, o texto bíblico deixa claro a principal intenção de Deus na criação do homem, quando afirma: “façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança” (Gn 1:26). A criação do ser humano objetiva uma representação palpável do próprio Deus, expressa no âmbito visível da criação. A existência da humanidade, portanto, tipifica e objetiva esta representação de Deus na criação, não de forma direta e literal, mas conforme imagem e semelhança, sendo uma expressão dos atributos de Deus, que em essência é Espírito (Jo 4:24), através de suas características impressas no âmago humano. Logicamente, esta representação, mesmo nesta base conceitual, é conjuntamente corrompida pelo advento do pecado e consequente separação do homem para com Deus, nos mais diversos níveis de intensidade, sendo, desta forma, suscetível à restauração.

A percepção da expressão dos atributos espirituais divinos na criação de todas as coisas, incluindo a humanidade, é um parâmetro incontestável para a maneira hebraica de conceber a realidade. O natural reflete o espiritual. Overman pressupõe que justamente este conceito produz vias de contramão entre as cosmovisões grega e hebraica, quando afirma que “os hebreus procuravam por percepções já fornecidas, enquanto os gregos procuravam fornecer suas próprias

²⁴ OVERMAN, 2012.

percepções”.²⁵ Em outras palavras, no pensamento original veterotestamentário, o esforço existencial humano consistia em enxergar a revelação dos atributos espirituais, com fonte na decisão do próprio Deus de revelar-se e deixar-se conhecer, por todos os meios possíveis, fossem ritualísticos ou naturais à existência, ao invés de criar, supor e buscar provar princípios filosóficos, oriundos puramente de ideais humanos, como válidos, como os gregos faziam.

É interessante perceber que nos relatos do Antigo Testamento, especificamente em como os profetas revelaram a intenção relacional de Deus para com seus filhos, os hebreus nunca enxergaram nem a morte nem a busca pela espiritualidade como uma fuga para a vida “mundana”. A visão, comum em nossos dias, da busca pela espiritualidade como um escape para as crises da realidade, possibilitando uma desconexão com o mundo e consequente alívio dos problemas, não parece ser proveniente do pensamento hebraico bíblico.²⁶ Pelo contrário, a revelação de Deus propositava uma clara intervenção na rotina humana, expressando sua representatividade como algo a ser colhido pelo propósito existencial, como evidenciado, por exemplo, na afirmação de Moisés que, numa condição de profeta, apregoa uma mensagem de Deus para seu povo, com relação à intenção divina de revelar-se e relacionar-se com eles: “vocês serão para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa” (Ex 19:6).

Assim, parece claro no pensamento hebraico que a intenção de Deus é a de buscar uma relação direta com o homem vivente, e não apenas fazer uma aliança com ele para um contato unicamente transcendente ou póstumo. Portanto, a aliança com Deus objetivava aos hebreus o destino de serem um reino de sacerdotes, uma nação santa em meio à humanidade, no decorrer de sua vida terrena. Este aspecto proposital de Deus para com a humanidade revela a intenção de interação e consequente atuação do universo espiritual no ambiente natural. O objetivo hebraico de relação com Deus baseava-se completamente na sua intervenção sobre a vida humana, bem como numa respectiva obediência, refletindo sua condição espiritual humana, ligada ao criador. Segundo o teólogo Hans Wolff, “no Antigo Testamento,

²⁵ OVERMAN, 2012. Posição 1506/3070. *The Hebrews looked to percepts already provided, while the Greeks looked to provide their own percepts.* (tradução nossa)

²⁶ Aqui é feita referência do significado da vivência de espiritualidade, numa condição ideal de aliança mantida entre o povo e Deus. Logicamente, vemos muitos eventos veterotestamentários em que o povo rompe sua aliança e se afasta de Deus, enfrentando consequentes crises.

Javé demonstra sua divindade precisamente por estar ligado ao ser humano em palavras e ações”.²⁷

2.2. A espiritualidade na igreja primitiva

Outra questão relevante para esta proposição inicial de vislumbre do espiritual através do natural, resultando em um fundamento para a relação de discipulado cristão, é se esta cosmovisão holística, hebraica e veterotestamentária, representou de fato uma das camadas para o alicerce do modelamento teológico da igreja primitiva, anterior à instituição do catolicismo, na qual o discipulado, podendo agora ser intitulado como cristão, ocorreu como um modelo para a posteridade da igreja. Compreenda-se a expressão “igreja primitiva” como sendo a igreja fundada pelos primeiros apóstolos e suas equipes, como legado do ministério terreno de Jesus, e expandida pelo mundo conhecido do Império Romano, descrita no decorrer do Novo Testamento, com base tanto nos ensinamentos de Jesus quanto nas próprias práticas desta igreja nascente.

Portanto, vocês já não são estrangeiros nem forasteiros, mas concidadãos dos santos e membros da família de Deus, edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, tendo Jesus Cristo como pedra angular, no qual todo o edifício é ajustado e cresce para tornar-se um santuário santo no Senhor. (Ef 2:19-21)

Neste contexto, o protagonista e escritor da maioria dos fundamentos apostólicos que se tem acesso, após a ressurreição de Jesus, chama-se Paulo, apóstolo que emerge posteriormente ao ministério terreno de Cristo, a partir de uma experiência de *numinoso* com este (At 9:1-19), tornando-se fundador de diversas comunidades cristãs nos mais variados ambientes gentílicos – de cultura predominantemente grega. Quando o mesmo Paulo escreve sua carta à igreja de Éfeso (supracitada), refere-se à importância dos fundamentos apostólicos, sendo Jesus Cristo a “pedra angular” deste alicerce, para a edificação da igreja. Assim, para um conceito cristão de qualquer compreensão teológica, inclusive do discipulado, os escritos neotestamentários, tanto dos evangelhos quanto apostólicos, são de muita autoridade, mesmo no transcurso de tantos séculos posteriores, como balizadores de tais entendimentos.

²⁷ WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. São Paulo, SP: Hagnos, 2007. p.22-23.

Neste âmbito cosmológico de compreensão da espiritualidade através da esfera natural, em sua carta enviada à igreja estabelecida em Roma, por exemplo, o apóstolo Paulo argumenta como indesculpáveis os homens que, com suas ações, ferem diretamente os valores essenciais e naturais de Deus, justificando que “desde a criação do mundo os atributos invisíveis de Deus, seu eterno poder e sua natureza divina, têm sido vistos claramente, sendo compreendidos por meio das coisas criadas” (Rm 1:20). Este texto denota o princípio, herdado dos hebreus, de que Deus pode ser vislumbrado e inicialmente compreendido através da própria existência humana e sua relação com a criação. De acordo com Cranfield, a criação é a “autorrevelação deliberada de Deus”.²⁸ Paulo expressa de forma nítida que a compreensão holística da vida torna todos os seres humanos responsáveis por uma reverência ao Criador que é inerente à existência, mesmo sem compreender a Deus por princípios religiosos, mas por percebê-lo, em sua realidade e princípios, através das coisas criadas.

Em outra ocasião, Paulo afirma aos efésios que uma não-percepção holística, ou insensibilidade para com Deus, não é uma questão justificada por alguma carência de conhecimento teológico que possibilite tal relacionamento, mas sim pelo fruto da dureza do coração humano, que, quando cegado por seus próprios prazeres e interesses, separa a sua existência da de Deus (se é que a conceba) e torna-se mergulhado em uma rotina vasta de inutilidade de propósito existencial, como segue:

Assim, eu lhes digo, e no Senhor insisto, que não vivam mais como os gentios, que vivem na inutilidade dos seus pensamentos. Eles estão obscurecidos no entendimento e separados da vida de Deus por causa da ignorância em que estão, devido ao endurecimento do seu coração. Tendo perdido toda a sensibilidade, eles se entregaram à depravação, cometendo com avidez toda espécie de impureza. (Ef 4:17-19)

Analisando mais profundamente a compreensão neotestamentária da criação e sua relação com a revelação de Deus através do que é visível e natural, percebe-se também o autor de hebreus abraçando uma teologia de que o próprio Deus, através do uso de sua palavra, criou todo o universo. Este princípio correlaciona novamente a ideia de completa interação entre a palavra de Deus e a manifestação visível e natural de todas as coisas, quando afirma que “pela fé entendemos que o universo foi formado pela palavra de Deus, de modo que aquilo que se vê não foi feito do que é visível” (Hb

²⁸ CRANFIELD, C. E. B. *Carta aos Romanos*. São Paulo, SP: Paulinas, 1992. p.42.

11:3). Conforme abordado anteriormente, esta perspectiva é diretamente relacionada e herdada do pensamento hebraico veterotestamentário (e não grego), em que a vida como um todo, neste mundo visível, reflete os atributos de seu Criador.

Resgatando outro dos escritos fundamentados pelo apóstolo Paulo, chega-se a um texto digno de destaque com relação aos objetivos desta pesquisa, em que o autor, em uma de suas cartas à igreja de Corinto, afirma um conceito inerente à cosmovisão hebraica, ao explicar sobre a natureza natural e espiritual humana. Comparando Adão com Jesus, Paulo faz uma afirmação lógica conclusiva quando diz que “se há corpo natural, há também espiritual” (1Co 15:44). Em outras palavras, tomando isto como um princípio, abre-se a possibilidade de vislumbre e compreensão do espiritual por meio do natural. Com este pano de fundo, pode-se ler a afirmação seguinte de Paulo, estabelecendo um princípio de investigação dos atributos naturais humanos, buscando distinguir o natural do que estaria afetado pelo pecado: “não foi o espiritual que veio antes, mas o natural; depois dele, o espiritual” (1Co 15:46). A justificativa para tal comparativo somente é cabível se houver um princípio holístico como base.

Ademais, os ensinamentos, parábolas e princípios expressos por Jesus em seu ministério terreno, de acordo com o que há disponível nos textos dos evangelhos, remetem a uma possível análise desta mesma temática. Ao menos dois fundamentos apregoados por Cristo merecem destaque no que tange a esta reflexão ontológica: as possíveis formas que um ser humano pode expressar seu amor a Deus e o que ele, Jesus, esperava que seus discípulos conhecessem e percebessem de Deus através de sua própria existência terrena.

A afirmação de Jesus sobre como expressar amor a Deus merece ser lida por um aspecto mais amplo do que o tradicional. Quando questionado sobre qual seria o mais importante entre todos os mandamentos de Deus presentes na Lei Mosaica, base da cultura judaica, Jesus não inventa uma nova filosofia, mas sim reafirma um texto da própria lei (Dt 6:4-5), e responde que “o mais importante é este: Ouve, ó Israel, o Senhor, o nosso Deus, o Senhor é o único Senhor. Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma, de todo o seu entendimento e de todas as suas forças” (Mc 12:29-30). Numa perspectiva dualista, é compreensível amar a Deus de todo o coração, de toda a alma e com todo o entendimento, pois todos

estes são atributos abstratos integrantes do mundo platônico das ideias. Mas e quanto a expressar este amor de todas as suas forças?

Jesus, nesta ocasião, não parece estar falando de um esforço intelectual ou ritualístico, e tampouco pode ser compreendido desta forma na intenção do escrito original de Moisés por ele citado. De forma indubitável, esta expressão de amor, requerida por Deus a ser expressa por seu povo, está atrelada a atitudes naturais humanas. A palavra grega “força”, expressa no plural nesta tradução é a palavra grega (transliterada) *ischus*, que significa, de acordo com o dicionário Vine, “habilidade, força”.²⁹ Portanto, este “amar de todas as suas forças”, supracitado, pode ser claramente lido como práticas propositais de vida cotidiana que denotem tal amor pelas habilidades e força dos sentidos naturais, já que, na sequência do mesmo texto, Jesus continua sua argumentação afirmando que há um segundo maior mandamento, o de amar ao próximo como a si mesmo (Mc 12:31). Assim, é possível determinar que se pode expressar amor a Deus através de atitudes naturais e visíveis, e não somente numa concepção abstrata de espiritualidade.

Outro princípio de vislumbre do espiritual pelo natural expresso por Jesus foi através de sua resposta, com certo espanto, quando questionado pelos discípulos sobre seu desejo de também conhecerem pessoalmente a Deus (o Pai), como ele (Jesus) demonstrava. A resposta de Jesus também revela sua expectativa daquilo que seus discípulos deveriam estar vendo de Deus nele, por suas obras e por relacionarem-se com ele constantemente:

“Se vocês realmente me conhecessem, conheceriam também o meu Pai. Já agora vocês o conhecem e o têm visto”. Disse Filipe: “Senhor, mostra-nos o Pai, e isso nos basta”. Jesus respondeu: “Você não me conhece, Filipe, mesmo depois de eu ter estado com vocês durante tanto tempo? Quem me vê, vê o Pai. Como você pode dizer: ‘Mostra-nos o Pai’? Você não crê que eu estou no Pai e que o Pai está em mim? As palavras que eu lhes digo não são apenas minhas. Ao contrário, o Pai, que vive em mim, está realizando a sua obra. (Jo 14:7-10)

É muito interessante perceber que para Jesus havia muita clareza de que por conhecerem e relacionarem-se com ele, Jesus, enquanto homem, naturalmente os discípulos conheceriam a Deus, o Pai, pois as obras de Jesus provinham do Pai e o manifestavam. Inclusive, Jesus atribui diretamente sua vida terrena como uma

²⁹ VINE, W.E. *Dicionário Vine: O significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2016. p.666.

manifestação da obra do Pai, que vive nele. João também afirmou anteriormente, na cronologia em que ele apresenta seu evangelho, que “ninguém jamais viu a Deus, mas o Filho único, que mantém comunhão íntima com o Pai, o revelou” (Jo 1:18), assim como o autor de do livro de Hebreus também não deixa dúvida sobre a revelação de Deus (invisível) em Jesus (visível), quando escreve que “há muito tempo Deus falou muitas vezes e de várias maneiras aos nossos antepassados por meio dos profetas, mas nestes últimos dias falou-nos por meio do Filho” (Hb 1:1-2a). Portanto, é possível extrair um princípio de cosmovisão holística e de vislumbre da espiritualidade através da natureza humana também nos conceitos e ensinamentos de Jesus, numa perspectiva neotestamentária como base da visão da igreja primitiva.

Logo, resultante de tantos textos presentes no decorrer de toda a bíblia relacionados à interação entre o natural e o espiritual e da correlação entre o pensamento hebraico e a filosofia eclesial neotestamentária, Overman afirma:

À luz de tudo isso, qualquer tipo de distinção entre os aspectos de realidade, assim chamados, “natural” e “sobrenatural” deve ser cuidadosamente reexaminada. Em termos de como a maioria das pessoas atualmente pensam sobre o natural e o sobrenatural, o natural passou a significar “a operação normal de um sistema autogovernado”, enquanto o sobrenatural se refere à “interferência de Deus naquele sistema”. Porém, este conceito não é bíblico. Numa visão bíblica da realidade, o conceito de natureza com um sistema autocriado, autossustentado, deve ser abandonado. Quando pessoas com uma visão bíblica de realidade consideram a vida ao seu redor, eles não podem legitimamente dividi-la em dois tipos de realidade, um tipo “natural” e um tipo “sobrenatural”, como se o poder de Deus operasse em um reino, enquanto no outro reino as coisas funcionam muito naturalmente por si mesmas.³⁰

Então, devem ser concebidos como espirituais não somente os atos naturais de expressão de amor a Deus e ao próximo, a visão de Deus presente na natureza, sua criação como um todo, e na sustentação de todas as coisas do universo, como também passe-se a enxergar uma compreensão de Deus e de seus atributos a partir de todas as coisas visíveis, que numa mentalidade dualista não teriam uma conotação espiritual. Este é um novo paradigma. Assim, é possível discernir que a cosmovisão

³⁰ OVERMAN, 2012. Posição 1619-1625/3070. *In light of all this, any sort of distinction between so-called “natural” and “supernatural” aspects of reality must be carefully re-examined. In terms of how most present day people think about the natural and the supernatural, the natural has come to mean “the normal operation of a self-governing system,” while the supernatural refers to “the interference of God in that system.” But this concept is unbiblical. In a biblical view of reality, the concept of nature as a self-creating, self-sustaining system must be abandoned. When people with a biblical view of reality consider life around them they cannot legitimately split it up into two kinds of reality, a “natural” kind and a “supernatural” kind, as though God’s power were operative in the one realm, while in the other realm things function quite “naturally” on their own.* (tradução nossa)

hebraica de relação completa entre os atributos visíveis e invisíveis de Deus é herdada pelo cristianismo. O pensamento hebraico constitui a base filosófica da igreja cristã primitiva, mesmo que esta tenha emergido no contexto sociocultural grego.

Remetendo à realidade do século XXI, é preciso que haja ciência de que há uma relação de restauração na teologia cristã, com muitos de seus atributos tendo sido dispersos no transcorrer da história. Mesmo com o grande advento da Reforma, especialmente entre os séculos XIV e XVII, não parece ter havido uma percepção clara e aplicável da necessidade de restauração desta visão holística da humanidade em sua relação com Deus e sua própria espiritualidade. Francis Schaeffer, um dos grandes pensadores da era moderna, afirma que mesmo um movimento fantástico como o Pietismo, por exemplo, foi influenciado pelo platonismo, em que ambos “cristianismo e espiritualidade foram reduzidos a uma pequena, isolada parte da vida”,³¹ e chega à conclusão clara, descontaminada da influência dualista grega e enraizada sobre as bases do cristianismo, de que “não há nada, no que se refere à realidade, que não seja espiritual”.³²

2.3. A Lógica do Espírito de James E. Loder

Como um dos possíveis caminhos para se vislumbrar o espiritual através do natural de forma prática e sistematizada, instigando ao trilho de pensamentos holísticos na compreensão do discipulado cristão com profundas analogias ao desenvolvimento natural e essencial humano, surge a Lógica do Espírito, de James E. Loder Jr.³³

James E. Loder Jr. (1931-2001) [...] por mais de 40 anos desenvolveu e exercitou uma metodologia interdisciplinar que identificou padrões de correlação nos campos da psicologia, teoria educacional, fenomenologia, epistemologia e física, retratando uma visão teológica convincente centrada na pessoa e no trabalho do Espírito Santo encontrando e transformando a vida humana.³⁴

³¹ SCHAEFFER, Francis A. *A Christian Manifesto*. Kindle Edition. Illinois: Crossway Books, 2005. Posição70/1146. *Christianity and spirituality were shut up to a small, isolated part of life.* (tradução nossa)

³² SHAEFFER, 2005. Posição 74/1146. (...) *there is nothing concerning reality that is not spiritual.*

³³ Autor conhecido academicamente como James E. Loder, ou apenas James Loder.

³⁴ KOVACS, 2011. p.1. *James E. Loder, Jr (1931-2001) [...] for over forty years he developed and exercised an interdisciplinary methodology that identified patterns of correlation in the fields of psychology, educational theory, phenomenology, epistemology, and physics, portraying a*

Se a premissa fundamental do trabalho de Loder com relação aos resultados que a prática verdadeira do cristianismo deva provocar possa ser resumida em uma única palavra, esta é: transformação.³⁵ Tal transformação, com base no sistema de valores cristãos, é propriamente efetuada através da pessoa do Espírito Santo, que irá atuar como o guia para toda a verdade (Jo 16:13), inerente a tal processo causado pelo encontro com Cristo. Este padrão não deve ser compreendido como específico para alguns escolhidos ou para alguma época determinada, ou ainda como correlação apenas para a igreja primitiva e para os discípulos diretos de Jesus enquanto ser humano encarnado, mas sim como um “padrão atemporal”,³⁶ no qual o Espírito Santo segue ininterruptamente trabalhando e desejando promover transformação para com todos os seres humanos.

A partir de experiências particulares que trouxeram convicção deste princípio,³⁷ Loder passa a dedicar a sua vida em compreender este trabalho do Espírito Santo como uma “lógica” codificada no comportamento e desenvolvimento humano, apoiado em um estudo interdisciplinar com um pano de fundo teológico-cristão. Por perceber a obra do Espírito Santo em sua própria vida, Loder concebe construções análogas em eventos ocorridos com personagens bíblicos, filosofias modernas e processos terapêuticos para solução de crises ou avanço em maturidade, descrevendo suas teorias em três principais obras: *The Transforming Moment* (O Momento Transformador³⁸), *The Knight's Move* (O Movimento do Cavaleiro³⁹) e *The Logic Of The Spirit* (A Lógica do Espírito⁴⁰).

Neste primeiro capítulo, a abordagem de Loder será discutida na sequência da construção conceitual que já se tem realizado: o vislumbre do espiritual através do natural. Em “A Lógica do Espírito”, Loder descreve o desenvolvimento humano sob uma perspectiva teológica,⁴¹ como resultado de uma série de descobertas e construções ao longo de sua vida acadêmica, profissional e pessoal. O diálogo com

compelling theological vision that centers on the person and work of the Holy Spirit encountering and transforming human life. (tradução nossa)

³⁵ KOVACS, 2011. p.2.

³⁶ KOVACS, 2011. p.2.

³⁷ LODER, James E. *The Transforming Moment*. 2 ed. Colorado Springs: Helmers & Howard, 1989.

³⁸ LODER, 1989. (tradução nossa)

³⁹ LODER, James E.; NEIDHARDT, W. Jim. *The Knight's Move: The Relational Logic of the Spirit in Theology and Science*. Colorado Springs: Helmers & Howard, 1992. (tradução nossa)

⁴⁰ LODER, James E. *The Logic Of the Spirit: human development in theological perspective*. San Francisco: Jossey-Bass, 1998. (tradução nossa)

⁴¹ LODER, 1998.

esta teoria se dará pela hipótese de que o oposto também seja válido: que se possa descrever o desenvolvimento espiritual sob uma perspectiva natural. Em capítulos posteriores, os conceitos loderianos trarão, ainda, contribuições significativas junto aos atributos bíblicos para uma aplicação prática da compreensão de um discipulado cristão baseado na própria natureza de desenvolvimento humano.

Como ponto de partida, para que seja válida neste estudo a filosofia loderiana de que há uma “Lógica do Espírito” que conduz a naturalidade humana em se desenvolver e relacionar-se consigo, com o outro, com o mundo e até mesmo em descobrir a Deus e seu propósito para o ser, é necessário que a cosmovisão holística seja concordante, para que não venha-se recair novamente na intencionalidade dualista de enxergar uma lógica espiritual no ser humano apenas no campo abstrato e invisível. Desde a primeira obra de maior relevância para seu pensamento, Loder já expressa uma preocupação de que toda esta profunda discussão e formulação de ideias não esteja desconectada daquilo se vê, percebe e vive enquanto sentidos naturais:

Assim, a reciprocidade entre a linguagem da tradição teológica e a experiência humana neste livro destina-se a abordar não apenas situações específicas, mas também para contrapor tendências dualistas na cultura moderna, que tendem a desarraigar a linguagem teológica em sua preocupação pela existência humana e empobrecer nossa compreensão científica do que significa ser humano no contexto da transcendência.⁴²

Loder, portanto, compreende a mentalidade ocidental permeada por “tendências dualistas na cultura moderna” (supracitado), que separam qualquer possibilidade de atrelação teológica à constituição científica humana. Este “desarraigar” descrito por Loder leva à compreensão de que, para ele, a linguagem teológica é, e deve ser, concebida como enraizada ao ser humano, gerando naturalidade à transcendência e dirimindo quaisquer dúvidas sobre a espiritualidade, fazendo-a, pelo contrário, parte integrante e relevante à existência. Este pensamento traz contribuição à leitura que se tem feito aqui quanto à cosmovisão hebraica e concepção primitiva da igreja cristã com respeito à espiritualidade percebida de forma intrínseca e natural à vida.

⁴² LODER, 1989. p. viii. *Thus the reciprocity between the language of the theological tradition and human experience in this book is intended to address not only specific situations but also to counter dualistic tendencies in modern culture, which tend both to deracinate theological language in its concern for human existence and to impoverish our scientific understandings of what it means to be human in the context of transcendence.* (tradução nossa)

Ainda segundo Loder, o dualismo corresponde a uma das principais causas de distorção conceitual sobre o Espírito Santo. A separação entre real e espiritual, mental e corporal, sagrado e mundano, entre outros, faz com que não seja possível enxergar interação divina nas atividades humanas naturais que não sejam eclesiais. Desde a teologia, com Agostinho, da filosofia, com Descartes, e da ciência, com Newton, para citar alguns exemplos de figuras que personificam suas ideologias, a mentalidade dualista, impregnada nos conceitos, produziu equívocos em todas as áreas de conhecimento, o que proliferou no Ocidente uma separação teológica e cultural entre o visível e o invisível.⁴³

Desenvolvendo a lógica do Espírito sob este ponto de vista, Loder embasa seu pensamento no propósito principal de transformação, conduzido pela ação do Espírito Santo na vida do ser humano. Vislumbrando este processo de forma natural, ele chega à conclusão de que o cristianismo e a obra do Espírito não são conceitos criados externamente àquilo que é natural à humanidade, mas sim refletidos constantemente nos processos naturais de desenvolvimento. Sobre isto, Loder afirma que a “lógica transformacional está enraizada e permeia cada aspecto do desenvolvimento humano como um padrão que governa o processo de transição de estágios”.⁴⁴ Desta forma, para que se compreenda a obra do Espírito na vida cristã de forma prática, supõe-se vislumbrá-la por analogia às fases de desenvolvimento humano, desde o nascimento até a velhice, com destaque especial para a obra do Espírito naquilo que representam os fatores essenciais para que ocorra um processo de troca de fase, de amadurecimento, de lógica transformacional. Há, nas formulações loderianas, um padrão que governa, ou, pode-se também dizer, leis espirituais que regem o processo de transformação de qualquer fase da vida natural e espiritual, não necessariamente em conjunto, mas de forma análoga.

Por associação, Loder compara então a obra do Espírito de Deus na vida de um cristão como sendo reflexo da obra do espírito humano sobre o próprio ser. Como se os processos de transformação naturais sejam regidos pelas mesmas leis espirituais, porém atuantes através do próprio espírito humano. Quando então alguém nasce de novo enquanto filho de Deus, num conceito cristão (Jo 3:3), através de Jesus

⁴³ LODER, 1992. p.28-30.

⁴⁴ LODER, 1989. p.126. *Transformational logic is rooted and permeates every aspect of human development as the pattern that governs the stage transition process.* (tradução nossa)

Cristo, agora o Espírito Santo, nos mesmos padrões, governa os processos de transformação do ser. Sobre isto, Karin Wondracek, em seu estudo introdutório das ideias de Loder, em conjunto com Matthew Rehbein e Letícia Cartell, afirma:

Loder afirma que há também uma “lógica do Espírito” em que o Espírito de Deus, dentro de tal padrão de referência ou experiência humana, faz com que ordens ocultas de coerência e significado emergem para repor ou alterar os padrões vigentes e reordenar seus elementos. Em outras palavras, a “lógica do Espírito” modifica as transformações feitas pela “lógica do espírito”.⁴⁵

Construindo ainda mais desta lógica transformacional do Espírito, gerando profundidade inigualável às verdades cristãs como não sendo ideologias desconexas e ritualísticas, mas de completo sentido à vida, Loder afirma ainda que, pela revelação de Deus através de Jesus em sua encarnação, os atributos naturais e espirituais, visíveis e invisíveis, teológicos e práticos fazem-se indissolúveis no que tange à existência humana, em que “o transcendente e o imanente devem ser compreendidos juntos e como mutuamente corretivos, enriquecedores e informativos um ao outro”.⁴⁶

Loder, em seu prefácio da obra *The Logic Of The Spirit*, explica que o resultado de seu trabalho em forma de livro foi consequência de uma série de palestras, cujo propósito era a discussão da relação entre o desenvolvimento humano e o espírito humano. Ele, então, sintetiza a razão do aumento de proporção e grandeza desta temática em seu trabalho, quando conclui que “este espírito parecia ter uma lógica própria que poderia ser posta em foco e gerada definição por entendimentos teológicos, que por sua vez redefiniram o significado e o propósito do desenvolvimento humano”.⁴⁷

⁴⁵ WONDRAECK, Karin H. K.; REHBEIN, Mattew L.; CARTELL, Letícia N. *Desenvolvimento humano na lógica do Espírito: introdução às ideias de James E. Loder*. Joinvile: Grafar, 2012. p.18.

⁴⁶ LODER, 1992. p.9. *The transcendent and the immanent be understood together and as mutually corrective, enriching, and informing of each other*. (tradução nossa)

⁴⁷ LODER, 1998. p.ix. *This spirit seemed to have a logic of its own that could be called into focus and given definition by theological understandings, which in turn redefined the meaning and purpose of human development*. (tradução nossa)

3. O DISCIPULADO CRISTÃO E O DESENVOLVIMENTO HUMANO

Após o estabelecimento de uma nítida relação entre o espiritual e o natural, atrelando-se mutuamente e vislumbrando-se um no outro, é preciso que se aprofunde a temática do discipulado, nos moldes do cristianismo bíblico, com o intuito da descoberta de uma percepção em que, assim como numa visão macro da espiritualidade, o discipulado, como algo espiritual construído através do natural, possa ser compreendido como relacionado à natureza humana. Este é o aspecto fundamental deste estudo. Uma vez que se propõe correlacionar o amadurecimento espiritual através do discipulado cristão com base no desenvolvimento humano, é preciso que se tenha solidez na validade desta premissa, que abrange desde os princípios bíblicos do discipulado até uma compreensão existencial humana vinculada a estes princípios. Este capítulo torna-se a aplicação prática dos fundamentos holísticos discutidos no capítulo anterior.

O desejo e o ato de discipular, numa perspectiva cristã, correspondem essencialmente à obediência ao que seria, segundo o evangelista Mateus, as últimas palavras de Jesus a seus discípulos, sendo provavelmente, como visto em outros relatos neotestamentários, não últimas, mas, em sua compreensão (do escritor Mateus) as de maior relevância, ao constituí-las como epílogo, para que fossem registradas às futuras gerações, quando afirma:

Então, Jesus aproximou-se deles e disse: “Foi-me dada toda a autoridade nos céus e na terra. Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos”. (Mt 28:18-20)

Em outras palavras, para Mateus, todo o sucesso da missão de Jesus e a autoridade adquirida por sua morte na cruz e ressurreição ficam resumidos, no que diz respeito à missão de seu legado, ao comissionamento para formação de novos discípulos, perpetuando as ações que o próprio Jesus praticou para com seu grupo mais íntimo de seguidores. Parece claro no texto o fato de que Mateus entende de forma explícita que Jesus sofreu, venceu e adquiriu autoridade sobre céus e terra, essencialmente para que fosse possível delegar, dada sua ausência física sobre a terra, autoridade e missão para que fosse perpetuado seu ministério através do discipulado, uma vez que o processo de salvação está ligado diretamente ao

conhecimento das verdades de Deus reveladas em sua palavra (1Tm 2:3-4), tarefa eclesiástica em seu vínculo com a sociedade (Mc 16:15-16). O autor atrela, ainda, o novo nascimento através do batismo, o ensino de todas as coisas relativas à crença em Jesus e a promessa de sua presença para com os discípulos a este comissionamento.

Com base nesta compreensão do discipulado como central na vida da igreja e para o projeto de Deus para com a humanidade através de Jesus, é desperto o repensar do significado deste termo e processo na vivência de cada cristão. É visível que não se tem experimentado como igreja cristã, no século XXI, em geral, a grandeza deste comissionamento quando comparado aos textos neotestamentários, cabendo, portanto, esta reflexão e proposição de um novo entendimento sobre o tema.

Para esta construção, primeiramente será investigada uma relação comparativa entre discípulo e discipulador como uma tipologia de parentalidade e filiação. Assim, poder-se-á expandir a compreensão do discipulado não somente como vislumbrada pelo desenvolvimento natural humano, mas também como proposital em sua construção através do papel do discipulador como sendo um papel parental sobre o indivíduo, conduzindo-o a um desenvolvimento que seja saudável. Desta maneira, o discipulado desenvolve-se num modelo relacional entre pais e filhos espirituais e não apenas de forma unilateralmente individual por meio da busca por uma espiritualidade mais excelente.

Num segundo momento deste capítulo, serão abordados aspectos pontuais da natureza humana que orientam um entendimento do desenvolvimento humano natural ideal, a partir de uma perspectiva teológica estabelecida ao longo do trabalho de James Loder. Serão apontadas algumas características cruciais e comuns a todos os seres humanos, que podem estar explicitamente correlacionadas analogicamente à maturidade espiritual através do discipulado cristão. Loder traz uma significativa contribuição aos estudos e teorias de desenvolvimento humano, propondo o vislumbre de uma “lógica” comumente conduzida pelo Espírito de Deus a toda a humanidade, tanto por sua natureza quanto pela interferência daquele sobre esta.

3.1. Uma percepção limitada do discipulado

Conforme a abordagem do capítulo anterior, muito do que há estabelecido de forma litúrgica no cristianismo em geral é afetado pela mentalidade grega e seus conceitos incutidos na linguagem e cultura do Império Romano, cenário em que o novo testamento foi escrito e vivido. Infelizmente, quando se converge ao estudo da temática do discipulado, rapidamente se percebe que esta realidade não é diferente. O discipulado, na visão e linguagem gregas, dista de forma abrupta dos princípios estabelecidos por Deus e praticados por Jesus. Tanto Jesus quanto seus discípulos diretos foram formados numa mentalidade hebraica, apesar da língua grega, como já discutido. Entretanto, quando se lê de forma superficial os textos neotestamentários, são de mais fácil percepção os conceitos puramente revelados pela linguagem, que denotam uma perspectiva inadequada, do que a obtenção de uma “leitura” dos princípios e mentalidade por detrás dos quais estão fundamentadas as ações dos personagens envolvidos.

Primeiramente, recapitulando o texto supracitado do Evangelho segundo Mateus, lê-se a expressão “façam discípulos” ou ainda “fazei discípulos”, em outra tradução,⁴⁸ que nos remetem, em português, a crer que a tarefa dos cristãos, conhecedores das verdades bíblicas e aliançados com Deus através de Jesus Cristo, é fazer com que outras pessoas, que não conhecem esta verdade e projeto divinos, simplesmente “tornem-se” discípulos de Jesus, como num estalar de dedos chamado “conversão”. Interpretando-se o texto sob este ponto de vista, faria sentido compreender que após a pregação do evangelho parece acabar a responsabilidade daquele que anunciou a mensagem, já que agora o ouvinte tem a capacidade de decidir tornar-se ou não um discípulo de Jesus, sendo fria e fraca a ligação entre o emissor e o receptor desta mensagem, atribuindo-se a responsabilidade do discipulado ao próprio Jesus, em seu relacionamento com o novo crente.

Entretanto, ao se analisar esta tradução bíblica, facilmente percebe-se maior amplitude neste significado. “Fazei discípulos” foi a melhor tradução encontrada para uma única palavra grega: *matheteusate*.⁴⁹ O infinitivo da conjugação utilizada no relato

⁴⁸ BÍBLIA. Português. Almeida. 1999. SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. *Bíblia de estudo Almeida*. Ed. Revista e atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

⁴⁹ GOMES, Paulo Sérgio; OLIVETTI, Odair. *Novo Testamento Interlinear Analítico Grego-Português – texto majoritário com aparato crítico*. São Paulo: Cultura Cristã, 2008. p.166.

de Mateus é *matheteuo*,⁵⁰ verbo do qual deriva o substantivo discípulo (*mathetes*),⁵¹ podendo ser compreendido, portanto, como a ação de discipular. Logicamente, os tradutores bíblicos escolheram, sob seu ponto de vista, a forma mais correta de tradução, pois a intenção de Jesus não parece possuir tom primariamente político de se discipular nações, mas sim da intenção de gerar discipulado pela anunciação da mensagem do próprio Cristo sem restrições geográficas ou étnicas. Contudo, esta tradução ao português ainda limita o sentido de compreensão do termo.

Entende-se corretamente que é um comissionamento para o alcance de indivíduos, mas, de forma incompleta, esta tradução remete (aos cristãos, proclamadores do evangelho) à isenção de responsabilidade no processo de discipulado. Segundo Isidro Civit, neste texto Mateus relata uma transição no propósito de Jesus para com seus discípulos, “de intransitivo (‘ser discípulo’) passou ao ativo ou causativo (‘fazer o outro discípulo’). O verbo assume a profunda vivência religiosa da palavra *mathetes*, ou ‘discípulo’.”⁵² Alternativas de tradução para este texto poderiam ser “vão e formem discípulos de todas as nações” ou ainda “vão e discipulem novos cristãos de todas as nações”. Ainda segundo Civit, “fazer discípulos indica o resultado completo da missão; não como outros termos do vocabulário missional que indicam apenas um aspecto, ou uma fase incoativa [...]. Fazer discípulos é fazer Comunidade Cristã, fazer Igreja.”⁵³ Ou seja, Jesus comissionou seus discípulos ao ato de discipular, diferentemente de uma compreensão superficial do texto de fazer discípulos para que Jesus, espiritualmente, os discipule, ou ainda de que o ato de fazer discípulos seja um evento e não um processo.

Numa segunda observação ao contexto deste comissionamento de Jesus a seus discípulos, cabe a análise da linguagem grega quanto ao significado do termo “discípulo”. Do dicionário Vine, o termo *mathetes*, do grego, traduzido como discípulo, significa literalmente um “aprendiz”, ou “aquele que segue os ensinamentos de alguém”.⁵⁴ Esta é a compreensão mais breve que se tem ao receber a informação

⁵⁰ Strong G3100: μαθητεω

⁵¹ VINE, 2016. p.569.

⁵² CIVIT, Isidro Goma. *El Evangelio segun San Mateo*. Barcelona: Facultad de Teologia de Barcelona, 1976-1980. p.715. *De intransitivo (“ser discípulo”) pasó a activo o causativo (“hacer discípulo a otro”). El verbo asume la profunda vivencia religiosa de la palabra mathetes o “discípulo”*. (tradução nossa)

⁵³ CIVIT, 1976-1980. p.715. *Hacer discípulos señala el resultado completo de la Misión; no como otros términos del vocabulario misional que indican sólo in aspecto, o una fase incoativa [...]. Hacer discípulos es hacer Comunidad cristiana, hacer Iglesia*. (tradução nossa)

⁵⁴ VINE, 2016. p.569.

traduzida da Palavra de Deus: discípulos como aprendizes, como seguidores de um mestre. Assim, normalmente, o discipulado é compreendido como uma transferência de informação, sobre a qual o discipulador precisa ser capaz de comunicar e ensinar seu seguidor a obedecer aos preceitos de sua ideologia, numa ligação institucional, apenas. Por isso, no ambiente do cristianismo, com frequência se tem visto: relações de pastoreio desconectadas das relações de discipulado; cristãos que possuem algum vínculo de discipulado apenas enquanto sentem-se, de certa forma, ignorantes aos preceitos divinos expressos pelo cristianismo; relações de discipulado que não penetram o âmago humano; comunidades cristãs que pensam que discipulam um grupo por fazerem alguma noite semanal de estudo bíblico; ou, ainda, de discipuladores sentirem-se os chefes daqueles que caminham ao seu lado. E, assim por diante, uma série de distorções ou, no mínimo, superficialidades daquilo que a Palavra de Deus expressa são concebidas como um padrão de relação de discipulado.

Conforma afirma o teólogo Ronald Cottle, “o relacionamento de paternidade/filiação espiritual é muito diferente daquele entre um professor e um estudante ou aprendiz. Este tende a ser institucional ao invés de existencial”.⁵⁵ Civit corrobora este conceito ao afirmar que “para Mateus, ser um verdadeiro discípulo de Jesus equivale a pertencer a sua ‘Família’”.⁵⁶ Nesta compreensão, a proposição de uma nova leitura ao discipulado naturalmente irá confrontar a frieza da crescente institucionalização deste processo, que é uma intrínseca característica do cristianismo a ser restaurada, indo ao encontro de um fundamento muito mais existencial.

3.2. O discipulado como filiação espiritual

Como ponto de transição ao objetivo deste capítulo, deve-se proceder o descortinar de um conceito bíblico mais profundo sobre o discipulado, seguindo, em linhas gerais, a abordagem apresentada por Ricardo Wagner.⁵⁷ Como poderia esta

⁵⁵ COTTLE, Ron. *The Joining of The Lord: Understanding Spiritual Father and Son Relationships*. Ed. Kindle. Columbus: REC Ministries, 2012. Posição 398-399. *The spiritual father/son relationship is much different from one between a teacher and a student or learner. These tend to be instructional rather than existential.* (tradução nossa)

⁵⁶ CIVIT, 1976-1980. p.715. *Para Mateo, ser de veras discípulo de Jesús equivale a pertenecer a su “Família”.* (tradução nossa)

⁵⁷ WAGNER, Ricardo. *Filhos Fiéis*. Teutônia, Rede Apostólica Cristã, 01 out. 2011. Palestra ministrada durante a Conferência de Líderes 2011.

relação entrelaçar-se com as características naturais de desenvolvimento humano e traçar um novo sentido e modelo àquilo que comumente se pensa ser o padrão bíblico de discipulado, proposto e estabelecido por Jesus para as gerações vindouras que comporiam, até a consumação dos séculos, sua igreja, seu corpo agindo nesta terra? Novamente, faz-se necessária uma tentativa de resgate da essência cultural hebraica, da raiz das intenções de Deus para com a humanidade.

De início, cabe ressaltar que, segundo Hans Wolff, “já que no Israel antigo a grande família, o clã e a tribo representam as estruturas sociais mais importantes, a relação entre pais e filhos tem uma significação fundamental”.⁵⁸ Na conexão holística espiritual desta significação, é relevante explicitar que uma das palavras em que aparece a tradução para o termo discípulo, em português, no Antigo Testamento, e que ocorre no contexto histórico e ministerial de Elias e Eliseu quando em referência aos “discípulos dos profetas”,⁵⁹ é o termo *bên*, traduzido aqui como “discípulos”. De forma relevante, este termo é muito conhecido no vocabulário hebraico, ocorrendo mais de 5500 vezes no Antigo Testamento e traduzido na maioria de suas ocorrências como “filho” ou “filhos”.⁶⁰ Nesta relação de discipulado, entre Elias e Eliseu, percebe-se uma forma de tratamento especial neste sentido, quando Eliseu clama, diante da ascensão de Elias: “Meu pai! Meu pai! Tu eras como os carros de guerra e os cavaleiros de Israel!” (2Rs 2:12). Para este uso do termo *bên* para com um discípulo, o dicionário Vine afirma que “um uso especial de ‘meu filho’ é a fala do mestre ao discípulo, referindo-se à filiação intelectual ou espiritual”.⁶¹ Neste mesmo contexto, Schökel afirma que “o título ‘pai’ é próprio do discípulo ao mestre”.⁶² Portanto, pode-se supor que a relação de discipulado existente entre Elias e Eliseu foi uma relação de paternidade e filiação espiritual, como concorda Hans Wolff, quando afirma que “nas tradições de Elias e Eliseu vemos que também o profeta é chamado ‘pai’ por seus discípulos”.⁶³

Apesar de ocorrerem outros casos em que poderia ser minuciada a paternidade e filiação espiritual em relacionamentos de discipulado do Antigo

⁵⁸ WOLFF, 2007. p.271.

⁵⁹ 2Rs 2:3.

⁶⁰ VINE, 2016. p.99.

⁶¹ VINE, 2016. p.100.

⁶² SCHÖKEL, Luis Alonso. *Reyes*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1973. p.170. *El título <<padre>> es propio del discípulo al maestro*. (tradução nossa)

⁶³ WOLFF, 2007. p.275.

Testamento, o caso de Elias e Eliseu torna-se suficiente por sua aplicação especial aos tempos da nova aliança. O encerramento dos escritos do Antigo Testamento, em ordem bíblica e cronológica, afirma: “Vejam, eu enviarei a vocês o profeta Elias antes do grande e temível dia do Senhor. Ele fará com que os corações dos pais se voltem para seus filhos, e os corações dos filhos para seus pais” (Ml 4:5-6a). Interessantemente, a promessa da vinda de Elias conecta-se à restauração de relacionamentos entre pais e filhos.

Posteriormente, Jesus afirma que esta promessa se cumpre em João Batista, quando diz que “Elias já veio, e eles não o reconheceram, mas fizeram com ele tudo o que quiseram. Da mesma forma o Filho do homem será maltratado por eles’. Então os discípulos entenderam que era de João Batista que ele tinha falado” (Mt 17:12-13). Todavia, pelo relato bíblico, não se tem informação de filhos naturais nem de Elias nem tampouco de João Batista, como também não é possível perceber atuação pastoral sobre as famílias como uma característica proeminente no ministério de ambos. Como poderia então esta profecia ser cumprida? Uma das possibilidades é através da paternidade e filiação espiritual, vivida por eles e causada a partir de seu modelo.

Esta vinda de Elias parece configurar uma restauração tanto do relacionamento de Deus como Pai para com a humanidade como seus filhos quanto da reciprocidade deste relacionamento entre os homens, espiritualmente, já que se percebe o discipulado tanto em Elias quanto em João Batista e que a profecia de Malaquias se refere a “pais” e não somente ao “Pai”. Ainda neste mesmo contexto, Jesus afirma algo novo sobre a vinda de Elias, quando diz que “de fato, Elias virá e restaurará todas as coisas” (Mt 17:11). Ou seja, no mesmo contexto em que Jesus afirma que Elias já veio, ele também afirma que Elias virá. Compreendendo esta vinda de Elias como restauração do discipulado como paternidade e filiação espiritual, este texto bíblico torna-se completamente descortinado. Teria esta restauração afetado o ministério de Jesus e a vida da igreja primitiva?

Ao conceber o relacionamento de discipulado como paternidade e filiação espiritual, por trás da linguagem grega expressa nos escritos neotestamentários, é possível perceber esta base relacional em Jesus para com seus discípulos quando, em um momento crítico de seu ministério, discorre sobre sua partida desta terra e a vinda do Consolador, dizendo aos discípulos: “não os deixarei órfãos; voltarei para

vocês” (Jo 14:18). Qual figura relacional, em sua ausência, tem capacidade de tornar o outro órfão? Apenas a de pais com relação a seus filhos. Segundo Bernard, o uso do termo grego *teknia* (filhinhos) em Jo 13:33, no mesmo contexto do capítulo 14, sugere a relação de um pai para seus filhos, reforçando o significado do termo “órfãos” expresso em Jo 14:18.⁶⁴ Assim, este texto evidencia que Jesus concebia seus discípulos como verdadeiros filhos espirituais, o que naturalmente é intrínseco ao conceito de discipulado pelas raízes hebraicas.

Não somente Jesus, mas Paulo também evidencia esta realidade quando endereça sua carta “a Timóteo, meu verdadeiro filho na fé” (1Tm 1:2), e quando fala sobre Timóteo aos Filipenses: “mas vocês sabem que Timóteo foi aprovado porque serviu comigo no trabalho do evangelho como um filho ao lado de seu pai” (Fp 2:22). Ainda, é possível afirmar que este não era um relacionamento de privilégio que Timóteo tinha com Paulo, mas um padrão relacional de discipulado, uma vez que Paulo também afirma sobre “Tito, meu verdadeiro filho em nossa fé comum” (Tt 1:4) e “em favor de meu filho Onésimo, que gerei enquanto estava preso” (Fm 1:10). Paulo ainda refere sua relação com a igreja de Corinto como uma relação parental, quando afirma que “em Cristo Jesus eu mesmo os gerei por meio do evangelho” (1Co 4:15b). Ainda para com os coríntios, Paulo suplica que sejam seus imitadores (1Co 4:16), num contexto, segundo Linda Belleville, relacionado ao desenvolvimento humano e à atitude parental. A autora refere este requerimento de Paulo como natural, uma vez que “na sociedade Greco-Romana, particularmente os pais deveriam modelar comportamentos éticos apropriados, educando, desse modo, seus filhos no caminho de uma vida vitoriosa”⁶⁵ e ainda que “no Judaísmo, o papel dos pais era exortar, encorajar e exemplificar a vida como ‘digna de Deus’”.⁶⁶

De forma clara, é possível afirmar que este relacionamento parental de discipulado possui analogias diretas à natureza humana e seu desenvolvimento saudável, composto por uma relação entre pais e filhos para com sua maturidade e

⁶⁴ BERNARD, J. H. *A critical and exegetical commentary on the Gospel according to St. John*. New York: Charles Scribner's Sons, 1929. 2 v. p.546.

⁶⁵ BELLEVILLE, Linda L. “Imitate Me, Just as I Imitate Christ”: Discipleship in the Corinthian Correspondence. In: LONGENECKER, Richard N. (Ed.). *Patterns of discipleship in the New Testament*. Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1996. p.120. *In Greco-Roman society, fathers were expected to model appropriate ethical behavior, thereby educating their children in the way of a victorious life.* (tradução nossa)

⁶⁶ BELLEVILLE, 1996. p.120. *In Judaism, the father's role was to exhort, encourage, and exemplify the life that is “worthy to God”.* (tradução nossa)

alcance de destino. Características paternas e maternas compõem este modelo, e são explícitas tanto pela palavra de Deus quanto pela própria natureza humana. É de extrema relevância a afirmação da atitude proposital parental de Paulo para com a igreja de Tessalônica, com atributos tanto paternos quanto maternos:

Embora, como apóstolos de Cristo, pudéssemos ter sido um peso, fomos bondosos quando estávamos entre vocês, como uma mãe que cuida dos próprios filhos. Sentindo, assim, tanta afeição por vocês, decidimos dar-lhes não somente o evangelho de Deus, mas também a nossa própria vida, porque vocês se tornaram muito amados por nós. [...] Pois vocês sabem que tratamos cada um como um pai trata seus filhos, exortando, consolando e dando testemunho, para que vocês vivam de maneira digna de Deus, que os chamou para o seu Reino e glória. (1Ts 2:7-8,11-12)

Este texto de Paulo aos Tessalonicenses evidencia que no fundamento da relação de discipulado como paternidade e filiação espiritual, devem existir, por parte do discipulador, ações distintas e propositas que irão gerar crescimento e maturidade. Neste aspecto, no texto acima citado, Paulo ainda traz uma correlação com a natureza humana quando compara a si mesmo como mãe e como pai, em suas diferentes atitudes de liderança para com esta comunidade cristã. Interpretando-se o texto mediante os conceitos do autor, são percebidos como atributos maternos o cuidado, a afeição e o amor sacrificial, e como atributos paternos as ações de exortar, consolar, testemunhar e formar o caráter. Em seu comentário bíblico, Willian Hendriksen afirma sobre esta perícopes que “Paulo, Silas e Timóteo, enquanto em Tessalônica, amaram aquelas pessoas como uma mãe ama e cuida seus próprios filhos e os admoestaram como faz um pai”.⁶⁷ Ernest Best colabora teologicamente neste sentido ao comentar sobre o referido texto que “a mãe cuida da criança nos primeiros meses, mas conforme ela cresce, ela precisa ser tratada como um ser moralmente responsável e aconselhada sobre como viver; esta era a função do pai no mundo antigo”.⁶⁸ Assim, ambos atributos, materno e paterno, devem estar presentes naqueles que se dispõem a serem discipuladores.

⁶⁷ HENDRIKSEN, William. *New Testament commentary: I and II Thessalonians*. London: Banner of Truth Trust, 1972. p.68. *Paul, Silas, and Timothy, while in Thessalonica, had loved these people like a mother loves and cherishes her own children, and had admonished them as does a father.* (tradução nossa)

⁶⁸ BEST, Ernest. *A commentary on the First and Second Epistles to the Thessalonians*. London: Adam & Charles Black, 1977. p.105-106. *The mother cares for the child in its first few months but as it grows it has to be treated as a morally responsible being and advised how to live; this was the function of the father in the ancient world.* (tradução nossa)

3.3. Uma perspectiva teológica do desenvolvimento humano

A segunda principal abordagem deste capítulo, aqui iniciada, preocupa-se em trazer à tona algumas evidências de correlação entre os atributos e obras do Espírito Santo, numa compreensão cristã, com relação à natureza humana em seu desenvolvimento natural saudável. Desde a concepção do ser humano até a sua velhice é possível que haja uma leitura de estágios de maturação como sendo provocados ou influenciados por Deus, ou ainda, espelhados em Deus, como sendo o ser humano sua semelhança, análogos à obra do Espírito Santo para com o indivíduo que decide pelo novo nascimento através do batismo,⁶⁹ estabelecendo uma nova vida com seu criador, por meio de Jesus Cristo. Como afirmado anteriormente, esta ótica para a vida humana é passível de estudo quando se recorre às teorias teológicas, antropológicas e fenomenológicas (se é que possa se reduzir apenas a estas três grandes áreas de conhecimento) de James Loder, acompanhado de diversos outros teóricos que fizeram parte desta complexa construção de conhecimento, bem como de formulações posteriores que, embasadas nos mesmos princípios, têm construído um caminho cada vez mais nítido para tal compreensão.

Usando as próprias palavras de Loder para que se inicie a tratar do que é proposto como crucial e natural ao desenvolvimento humano, numa perspectiva interdisciplinar que relacione teologia e ciências humanas de forma pacífica e complementar, é possível afirmar que “esta metodologia pode ser caracterizada brevemente como transformacional e analógica”.⁷⁰ A partir deste entendimento de transformação e analogia, Loder formula uma teoria alternativa para o desenvolvimento humano, como sendo todos os indivíduos afetados naturalmente pelo seu próprio espírito e pelo Espírito de Deus, que por sua vez os conduz, em suas características, à maturação, podendo, inclusive, justificar a possibilidade de percepção e manifestação de Deus sobre o ser. Sobre este trabalho, Loder afirma em *The Logic of The Spirit*:⁷¹ “a posição que eu tomo neste livro é que uma interpretação teológica cristã deve ser permitida a influenciar nossos estudos de desenvolvimento

⁶⁹ Nesta abordagem, pressupõe-se a prática do batismo por indivíduos conscientes do pecado, de seu arrependimento e da aliança com Deus, que decidem por Cristo mediante sua Palavra, num período posterior à fase natural infantil.

⁷⁰ LODER, 1989. p.viii. *This methodology may be characterized briefly as transformational and analogical.* (tradução nossa)

⁷¹ A Lógica do Espírito (tradução nossa).

humano”.⁷² Esta teoria evidencia, como afirmam Wondracek, Rehbein e Cartell, “como a lógica transformativa do espírito humano está relacionada ou fundada na lógica transformativa divina”.⁷³

Loder apropria-se, em sua formulação, de uma terminologia resultante do estudo do teólogo T. F. Torrance sobre as ideias de Karl Barth denominadas como “Teologia Natural”.⁷⁴ Esta teologia natural, que se detém ao descortinar de uma ordem natural presente na natureza humana por parte de Deus, segundo Loder, não corresponde a um conceito ou formulação no qual pode-se entender a Deus completamente através do humano, mas, pelo contrário, a um olhar profundo para a possibilidade de uma teologia presente na natureza humana que deve ser compreendida e explorada no contexto da explicitação daquilo que Deus tem revelado de si mesmo em sua principal criação,⁷⁵ uma vez que “é sempre na matriz das ordens física, natural e material onde o espírito humano pode ser compreendido”.⁷⁶ Mais profundamente, Loder estabelece a principal diferença de se agregar uma abordagem teológica ao desenvolvimento humano quando afirma que:

[...] o maior objetivo de minha investigação é demonstrar o contexto geral que uma teologia Cristã do Espírito provê para o estudo da natureza humana, e especialmente para questões de propósito e significado implícitos nela e frequentemente insuficientemente articulados através dos fatos e teorias de desenvolvimento humano.⁷⁷

Assim, na concepção cristã de transformação, é de extrema importância que se compreenda que “Deus não desumaniza a humanidade”.⁷⁸ Aquilo que é possível receber de Deus pela descoberta e acesso à graça, através de sua palavra, não torna o ser humano alienado e reduzido à expectativa de morte natural para uma vida eterna graciosa em outra dimensão. Pelo contrário, todo o processo de salvação e comunhão com Deus, através de Jesus Cristo e efetuada pelo Espírito Santo, é de cunho restaurador de tudo o que de Deus já é projetado no sistema de vida humana. “Assim,

⁷² LODER, 1998. p.xi. *The position I take in this book is that a Christian theological interpretation must be allowed to influence our studies of human development.* (tradução nossa)

⁷³ WONDRAECK; REHBEIN; CARTELL, 2012. p.18.

⁷⁴ LODER, 1998. p.32. *Natural Theology.* (tradução nossa)

⁷⁵ LODER, 1998. p.32.

⁷⁶ LODER, 1998. p.xiii. [...] *it is always within the matrix of the physical, natural, and material order where the human spirit can and must be understood.* (tradução nossa)

⁷⁷ LODER, 1998. p.xiii. [...] *the larger aim of my inquiry is to demonstrate the overall context that a Christian theology of the Spirit provides for the study of human nature, and especially for issues of purpose and meaning implicit in and often insufficiently articulated through the facts and theories of human development.* (tradução nossa)

⁷⁸ WONDRAECK; REHBEIN; CARTELL, 2012. p.45.

o impacto da graça no espírito humano tem a finalidade de acordá-lo para um genuíno senso de liberdade para ser, ele próprio, uma imagem restaurada ao seu original”.⁷⁹

Retomando ainda a afirmação (supracitada) de Loder, as questões de propósito e significado ganham sentido quando se percebe a vida por uma visão teológica de seu desenvolvimento. No pensamento de Loder, a grande questão da vida é a explicação da própria vida. Uma vez que são encontradas respostas para as perguntas “O que é a vida?”, e “Por que eu a vivo?”, realmente há uma razão de ser.⁸⁰ Por isso, não faz sentido que hajam tantas teorias para minuciar o desenvolvimento do ser humano sem que sejam contemplados atributos de propósito, de uma razão de ser levada à compreensão. Parece razoável afirmar, instigando este estudo introdutório sobre os pressupostos loderianos, que a existência humana, o período de vida do indivíduo, é a ponte para a descoberta de Deus, como Autor de sua vida e de toda a criação, que se revela por meio de seu Espírito através da própria natureza (especialmente a humana), para que, por meio de suas próprias descobertas existenciais e de propósito, com o guiar do Espírito, o ser humano possa estar convicto de sobrepujar a morte, de prevalecer sobre esta que reside no mistério, na incerteza e no medo. “Entender o espírito humano é ganhar entrada para a força motriz central no desenvolvimento humano que separa a humanidade do resto da natureza”.⁸¹

3.4. O primeiro ciclo de vida como prototípico da perspectiva teológica do desenvolvimento humano e sua correlação com o discipulado cristão

Uma das possíveis maneiras de se começar a desenvolver uma compreensão correlativa do desenvolvimento espiritual através do desenvolvimento humano, com vistas ao processo de discipulado, é o estudo do desenvolvimento infantil, relacionado a fatores como sobrevivência, relacionalidade e formação psíquica, emocional e afetiva, uma vez que, como afirma Winnicott, “no universo psicológico, há uma tendência ao desenvolvimento que é inata e corresponde ao crescimento do corpo e ao desenvolvimento gradual de certas funções”.⁸² A psicologia do desenvolvimento

⁷⁹ LODER, 1998. p.35. *Thus, the impact of grace on the human spirit is to awaken it to a true sense of its freedom to be itself as image restored to its original.* (tradução nossa)

⁸⁰ LODER, 1998. p.3-15.

⁸¹ LODER, 1998. p.4. *To understand the human spirit is to gain entrée to the central driving force in human development that separates humanity from the rest of nature.* (tradução nossa)

⁸² WINNICOTT, D. W. *A família e o desenvolvimento individual*. 4. ed. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2011. p.5.

infantil conta com diversas autoridades intelectuais que construíram fundamentais contribuições ao longo da história desta ciência, como, por exemplo, Freud, Piaget, Winnicott e Erikson, para citar alguns dos mais notáveis. Entretanto, um psicanalista em especial, René Spitz, estudou um ciclo específico, que foi intitulado por ele como “o primeiro ano de vida”⁸³ de toda a criança, numa metodologia da qual Loder se apropria como cerne de seu pensamento lógico teológico com relação ao período dos primeiros dezoito meses de vida de todo o ser humano.⁸⁴ De forma análoga, serão apresentados, a partir de agora, os principais fundamentos de desenvolvimento presentes na ótica de René Spitz, numa leitura loderiana em diálogo com preceitos bíblicos em conexão ao processo de discipulado.

A referida obra que norteia os conceitos de formulação do ego, de René Spitz, foi publicada, na primeira edição em inglês, no ano de 1965, como resultado de pouco menos de trinta anos de observações à vida pré-verbal de centenas de bebês. Com prefácio de Anna Freud e seu autorreconhecimento como aprendiz de Sigmund Freud, Spitz tornou-se uma autoridade psicanalítica por descomplicar e elucidar o desenvolvimento inicial infantil a partir de observações diretas, diferentemente de muitos autores a ele contemporâneos que o faziam pela análise retrospectiva de estágios posteriores, tornando sensivelmente mais complexo e fantasioso o desenvolvimento infantil.⁸⁵ Spitz surge, de forma muito atual, para trazer à tona um viés descomplicado e de fácil acesso à compreensão dos primeiros estágios de maturação humana.

Em seu estudo preliminar sobre a Lógica do Espírito de James Loder, Wondracek, Rehbein e Cartell interpretam, em concordância com o uso teórico de Spitz, que “as experiências do bebê com seus cuidadores são prototípicas da experiência religiosa posterior, por isso podemos dizer que há algo de religioso ou teológico no primeiro ano de vida”.⁸⁶ Esta dimensionalidade espiritual vislumbrada nas fases iniciais de vida da criança é percebida, nesta ótica, como farol para a maturação espiritual e para a relação com Deus. Ainda mais profundamente, será proposto um diálogo desta formulação teórica com a espiritualidade, com vislumbre aos cuidadores

⁸³ SPITZ, René A. *O Primeiro Ano de Vida: um estudo psicanalítico do desenvolvimento normal e anômalo das relações objetais*. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

⁸⁴ LODER, 1989. p.161-166.

⁸⁵ SPITZ, 1988.

⁸⁶ WONDRACEK; REHBEIN; CARTELL, 2012. p.49.

naturais como sendo análogos aos espirituais (disciplinadores), num contexto de cristianismo.

Como uma analogia cíclica aos processos de desenvolvimento gerados a partir de momentos transformadores, Loder estabelece alguns pressupostos com base no primeiro ano de vida que supõem uma padronização para todos os demais estágios de desenvolvimento, mais complexos que o inicial. Sobre tal padrão, Loder afirma que a criança “engajará novos níveis de complexidade, e o mesmo processo, seguindo essencialmente os mesmos passos, será repetido na construção do próximo estágio através de uma transformação do primeiro estágio ou de estágios anteriores”.⁸⁷ Este padrão é intitulado por Loder como uma “dinâmica de transição de estágios”.⁸⁸ Esta dinâmica será descrita e aprofundada no teor do capítulo seguinte, merecendo um enfoque especialmente minucioso para a compreensão dos momentos que causam desenvolvimento através da transformação. Como fechamento deste capítulo, serão abordadas características distintas do primeiro ciclo em que esta dinâmica aparece, com predominante fundamento nas teorias de desenvolvimento infantil de René Spitz.

3.4.1. Nascimento

Nos fundamentos loderianos, que embasam a fundação do ego a partir de René Spitz, o nascimento revela profundos significados, especialmente por sua relação com a negação e a morte, uma vez que o processo natural de nascimento passa por um momento único de quase sufocamento, proximidade à morte, negação do mundo conhecido e abertura para o novo.⁸⁹ Sobre este evento, Loder afirma que o “nascimento, primeira grande transição da vida, é uma obra-prima de coerência e eficiência fisiológica em face da luta entre a vida e a morte”.⁹⁰ Segundo Spitz, durante o nascimento é registrada no cérebro humano “uma sensação de negação da possibilidade de viver”.⁹¹ Portanto, o nascimento é visto como resultante de uma

⁸⁷ LODER, 1998. p.88. *She will engage new levels of complexity, and the same process, following essentially the same steps, will be repeated in the construction of the next stage through a transformation of the first or previous stages.* (tradução nossa)

⁸⁸ LODER, 1998. p.88. [...] *stage transition dynamic.* (tradução nossa)

⁸⁹ LODER, 1989. p.157-169.

⁹⁰ LODER, 1998, 81. *Birth, the first great transition of life, is a masterpiece of physiological coherence and efficiency in the face of a life-against-death encounter.* (tradução nossa)

⁹¹ SPITZ, 1988 apud LODER, 1998. p.93.

decisão de morte para determinada realidade, que normalmente está em crise, vazio ou caos, como, por exemplo, na situação do bebê no útero, naturalmente conduzida à transformação. Este conceito, por trás do evento do nascimento, é formulado por Loder como dupla negação, cuja importância é por ele referida como “essencial para transformação”.⁹² Em suma, nascer é, antes de tudo, morrer para a realidade vigente.

A dupla negação consiste na atuação do Espírito de Deus sobre o espírito humano, produzindo uma negação ao que este naturalmente negaria, ou seja, a dupla negação é o enfrentamento daquilo que até então se negava. Como abordado por Loder, a maneira mais clara de compreender a dupla negação é através do conceito de morte, naturalmente negada pelo ser humano. Portanto, a dupla negação resulta no enfrentamento da morte, causando separação para com o estado original e, ao mesmo tempo, ressignificação daquilo que o ser vislumbra como propósito existencial. Sobre este fundamento loderiano, Russel Haight afirma que “este é o caso onde Cristo media e o Espírito de Deus governa a segunda negação”,⁹³ concordando, numa analogia bíblica ao nascimento espiritual, com o apóstolo Paulo, quando este afirma que “ninguém pode dizer: ‘Jesus é Senhor’, a não ser pelo Espírito Santo” (1Co 12:3). Neste momento inicial de desenvolvimento, a dupla negação constitui-se de forma mais instintiva do que consciente, ao passo que ao fechar o ciclo, quando a negação volta à cena, passa a se dar de forma cada vez mais proposital para o amadurecimento, através da relacionalidade espiritual.

Na perspectiva cristã de nova vida espiritual (2Co 5:17), gerada pela relação com Deus através do seu Espírito, possibilitada pela fé em Jesus Cristo e consequente reconhecimento de seu senhorio para salvação pessoal (Rm 10:9-10), o nascimento, que desencadeará todas as relações eclesiais de discipulado, análogas à parentalidade, é representado pelo batismo. Esta relação é, por exemplo, ilustrada pelo próprio Cristo, quando afirma que “ninguém pode ver o Reino de Deus, se não nascer de novo” (Jo 3:3), relacionando o evento do batismo à atuação do Espírito de Deus sobre o indivíduo, reiterando que “ninguém pode entrar no Reino de Deus, se não nascer da água e do Espírito” (Jo 3:5); por Tito, elucidando a característica de

⁹² LODER, 1989. p.103. [...] *essential to transformation*. (tradução nossa)

⁹³ HAIGHT, Russell. “Trampling Down Death by Death”: Double Negation in Developmental Theory and Baptismal Theology. In: WRIGHT, Dana R.; KUENTZEL, John D. (Ed.). *Redemptive Transformation in Practical Theology: essays in honor of James E. Loder Jr.* Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 2004. p. 46. [...] *this is the case where Christ mediates and God’s Spirit governs the second negation*. (tradução nossa)

regeneração resultante da relação com Deus, quando afirma que “ele nos salvou pelo lavar regenerador e renovador do Espírito Santo” (Tt 3:5); por Pedro, quando refere-se ao significado espiritual do batismo, afirmando que “isso é representado pelo batismo que agora também salva vocês — não a remoção da sujeira do corpo, mas o compromisso de uma boa consciência diante de Deus” (1Pe 3:21), numa apologia à salvação e nova vida experimentada por Noé após estar envolto por águas (1Pe 3:18-21); e por Paulo, quando afirma aos romanos que “fomos sepultados com ele na morte por meio do batismo, a fim de que, assim como Cristo foi ressuscitado dos mortos mediante a glória do Pai, também nós vivamos uma vida nova” (Rm 6:4). Conectando o nascimento natural ao espiritual, Haitch afirma, fundamentado em Loder, que “nova vida é dada através da dupla negação, na fé que diz, ‘Eu, não Eu, mas Cristo’”.⁹⁴

Sob este ponto de vista, podem-se vislumbrar diversas analogias bíblicas a um padrão espiritual de nascimento que vá ao encontro dos fundamentos loderianos: em primeiro lugar, nos princípios da criação e contínuo desenvolvimento do universo,⁹⁵ oriundos de um estado caótico, vazio, e sem sentido, em que o Espírito de Deus paira para possibilitar a geração de luz e subsequentes formas de vida cada vez mais completas e complexas (Gn 1) – teologicamente, sob a Palavra de Deus, que é Cristo (Jo 1:1-14) – e uma subsequente nova ordem de vida e significado a este vazio; em segundo lugar, na relação da implantação do cristianismo na sociedade, quando, por exemplo, Paulo afirma aos efésios, sobre tal vazio e ausência de significado, que eles “estavam sem Cristo, separados da comunidade de Israel, sendo estrangeiros quanto às alianças da promessa, sem esperança e sem Deus no mundo” (Ef 2:12) e aos gálatas, quando afirma que “novamente estou sofrendo dores de parto por sua causa, até que Cristo seja formado em vocês” (Gl 4:19); e, numa terceira perspectiva, à conversão, ocasionada por algum evento que produza conflito à existência pregressa e ao sentido da vida, como com Saulo, que, por um encontro sobrenatural com Cristo, ficou em estado de cegueira (remetendo ao mesmo vazio, desesperança e falta de sentido) até que, para uma nova vida carregada de uma nova missão e sentido, “imediatamente, algo como escamas caiu dos olhos de Saulo e ele passou a ver novamente. Levantando-se, foi batizado” (At 9:18).

⁹⁴ HAITCH, 2004. p.47. *New life is given through double negation, in the faith that says, “I, not I, but Christ”*. (tradução nossa)

⁹⁵ LODER, 1998. p.7-10.

Assim, o nascimento, espiritualmente representado pelo batismo e naturalmente representado pelo parto, constitui o início de um novo ciclo de vida e de desenvolvimento desta nova vida. Do ponto de vista teológico, Pedro Kalmbach afirma que “apesar de ser um rito destinado à pessoa, o batismo tem uma dimensão marcadamente comunitária, pois é através do mesmo que a pessoa é incorporada à igreja, ao Corpo de Cristo e é chamada ao discipulado”,⁹⁶ ou seja, a partir do batismo como novo nascimento é dado início ao processo de amadurecimento. Do ponto de vista do desenvolvimento humano, a partir do nascimento, Spitz descreve o que são denominados como os organizadores primários da fundação do ego, divididos, nos dezoito primeiros meses de vida de toda a criança, como: boca, face, angústia e negação. Sob este panorama, “o bebê em desenvolvimento se relaciona com as pessoas e o ambiente, e através desta relação cria estruturas que emergem do caos e o capacitam a atender às necessidades vitais”.⁹⁷ Na perspectiva bíblica cristã de amadurecimento via discipulado, tanto a formação de identidade quanto o suprimento de necessidades vitais ao ser espiritual serão vislumbrados analogamente à natureza humana descrita por Loder sob olhar teológico, ancoradas em Spitz.

3.4.2. Boca

Após o nascimento, os três primeiros meses de vida do bebê são, de acordo com a teoria de Spitz de formação do ego, centralizados na boca, não apenas no viés da amamentação, mas também na tentativa da criança de “ingerir o ambiente externo no intuito de assimilar este como uma parte de si e de si como uma parte deste”.⁹⁸ Kenneth Kovacs, em seu estudo sobre parte do pensamento de Loder, afirma, sobre as quatro fases de centralização da personalidade (a partir de Spitz), que “o primeiro é um estágio oral, no qual a boca é o meio primário, através do qual uma criança incorpora o mundo”.⁹⁹ Ou seja, toda a assimilação e percepção do mundo se dá, nesta fase, através da boca. Loder inclusive ressalta que “os pais têm que ser muito

⁹⁶ KALMBACH, Pedro. *Bautismo y educación: contribuciones para el actuar pedagógico comunitario*. Buenos Aires: O autor, 2005. p.30. *A pesar de un rito destinado a la persona, el bautismo tiene una dimensión marcadamente comunitaria, pues es a través del mismo que la persona es incorporada a la iglesia, al Cuerpo de Cristo y es llamada al discipulado.* (tradução nossa)

⁹⁷ WONDRAČEK; REHBEIN; CARTELL, 2012. p.51.

⁹⁸ LODER, 1998. p.90. *[...] to ingest the external environment in order to make it a part of herself and herself a part of it.* (tradução nossa)

⁹⁹ KOVACS, 2011. p.91. *The first is an oral stage in which the mouth is the primary means through which a child incorporates the world.* (tradução nossa)

cuidadosos com a criança durante estes três primeiros meses, para que eles não ponham alguma coisa destrutiva em suas bocas”.¹⁰⁰

A percepção sensorial através da boca, a alimentação e o choro constituem as principais formas de assimilação e comunicação com o mundo por parte da criança nesta fase. Interessantemente, as observações e estudos de René Spitz, o levaram a concluir que:

Neste estágio, o recém-nascido não consegue discernir uma ‘coisa’ de outra; não consegue distinguir uma coisa (externa) de seu próprio corpo e não experimenta o meio que o cerca como sendo separado dele mesmo. Portanto ele também percebe o seio materno, que lhe fornece alimento, como parte de si mesmo – se é que ele percebe o seio materno.¹⁰¹

Nesta interação mãe-bebê, há uma indissolubilidade existencial, especialmente por parte do bebê, no que tange ao cuidado frente ao desamparo natural e a não percepção ou distinção de se tratarem de seres diferentes, concordando com Spitz, que afirma que “o que falta a uma criança é compensado e suprido pela mãe”,¹⁰² e, ainda, que “o resultado é uma relação complementar, uma díade”.¹⁰³ Sobre esta imprescindível relação, Karin Wondracek, numa leitura de Winnicott, afirma que “não existe uma criança sem a mãe”.¹⁰⁴ Numa aproximação ao modelamento de discipulado no cristianismo, duas leituras da realidade relacional desta fase são possíveis: da interação entre o novo cristão e Deus, seu criador e Pai celestial, e da interação entre o novo cristão e sua parentalidade espiritual via discipulado. Nessas duas leituras, cabem também duas correlações às práticas de maturação do cristianismo, ambas derivadas do processo de amamentação.

Por um lado, na relação do homem com Deus, através do cristianismo, é latente nesta correlação uma compreensão amplificada, não apenas ritualística, mas existencial, da prática da Santa Ceia. Para Wondracek, a amamentação é tão significativa nesta fase não apenas por seu caráter nutritivo, mas porque, para o bebê, “alimentação é presença”,¹⁰⁵ sendo uma nutrição ao mesmo tempo fisiológica,

¹⁰⁰ LODER, 1998. p.90. [...] *parents have to be very careful with the children during these three first months that they do not put something destructive into their mouths.* (tradução nossa)

¹⁰¹ SPITZ, 1988. p.27-28.

¹⁰² SPITZ, 1988. p.3.

¹⁰³ SPITZ, 1988. p.3.

¹⁰⁴ WONDRAECK, Karin H. K. A Criança como Chave Hermenêutica. In: FASSONI, Klênia; DIAS, Lissânder; PEREIRA, Welinton. (Org.). *Uma criança os guiará: por uma teologia da criança*. Viçosa, MG: Ultimato, 2010. p.212.

¹⁰⁵ WONDRAECK, 2010. p.213.

relacional e espiritual. Ela afirma que “aqui está a matriz que será profundamente ressignificada no ‘isto é o meu corpo’ da Santa Ceia. Jesus Cristo fundamenta na relação primeira – a mãe que dá o próprio corpo ao bebê – a instituição do mais significativo ritual cristão”.¹⁰⁶ Esta leitura do significado da Santa Ceia ganha novo sentido na analogia entre o natural e o espiritual. Comer do corpo de Cristo não é um ritual canibal, ilógico nem herético, como pensaram muitos que abandonaram Jesus mediante a pregação deste princípio (Jo 6:41-66), por ouvirem Jesus afirmar, entre outras coisas, que “todo aquele que come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele. Da mesma forma como o Pai que vive me enviou e eu vivo por causa do Pai, assim aquele que se alimenta de mim viverá por minha causa” (Jo 6:56-57). Assim, a prática da Santa Ceia é fator de sobrevivência, desenvolvimento, saciedade e relacionalidade amorosa para com Deus através de Jesus Cristo. Wondracek, relacionando a Santa Ceia aos organizadores de Spitz, no pensamento de Loder, conclui, sobre a relacionalidade entre a natureza da amamentação materna e a compreensão teológica do ser, que:

Para a teologia cristã, importa lembrar que o mandamento da Ceia, instituído por Cristo, está embasado no primeiro organizador psíquico, isto é, remete aos elementos mais arcaicos da nossa estruturação. Se é pela boca que o ego se inicia, também é pela boca que o cristão se organiza na comunhão com Cristo e seu corpo.¹⁰⁷

Remontando à tradição da igreja primitiva, corroborando esta correlação entre o amadurecimento cristão e o desenvolvimento humano, tem-se que, segundo Kalmbach, era prática comum na era pré-constantiniana que o batismo fosse imediatamente seguido pela prática da eucaristia. Sobre isto testificam os escritos de Justino, em Roma, Tertuliano, em Cartago e Hipólito, na Tradição Apostólica, em Roma, todos datados do segundo século.¹⁰⁸ Estes registros históricos enaltecem a concepção da Ceia como alimento espiritual nutricional vinculado à nova vida através do batismo, ratificando a possível conexão conceitual com a amamentação materna e nutricional humana após o nascimento.

Por outro lado, na relação com o discipulador, na função inicial de maternidade espiritual, a amamentação pode ser lida como a representação da nutrição e relacionalidade pelo ensino dos princípios elementares da Palavra de Deus, referidos

¹⁰⁶ WONDRAČEK, 2010. p.213.

¹⁰⁷ WONDRAČEK, 2010. p.217.

¹⁰⁸ KALMBACH, 2005. p.34-65.

nos escritos neotestamentários como “leite espiritual”, quando, por exemplo: Pedro requer dos cristãos que, “como crianças recém-nascidas, desejem de coração o leite espiritual puro, para que por meio dele cresçam para a salvação” (1Pe 2:2); o autor de hebreus relaciona tal alimento aos princípios básicos do cristianismo, afirmando que “você precisam de alguém que lhes ensine novamente os princípios elementares da palavra de Deus. Estão precisando de leite, e não de alimento sólido!” (Hb 5:12); e Paulo faz uma leitura da maturidade da igreja de Corinto quando esteve presente com eles, ao afirmar: “dei-lhes leite, e não alimento sólido, pois vocês não estavam em condições de recebê-lo” (1Co 3:2). Ainda, nesta compreensão análoga, a presença do discipulador parece ser de fundamental importância à existência do novo cristão, sendo, neste início, mais importante do que ensinamentos complexos ou de uma utópica solução metodológica para todos os problemas da vida.

O vínculo mãe-bebê é preponderante para a compreensão deste estágio de maturação. Não apenas nutrição, não uma presença qualquer, não apenas colo. O vínculo constitui, na ótica da criança, a extensão de seu próprio ser. Joseph Pearce descreve um relato de experiência sobre um comportamento, atípico para a realidade ocidental, desta relação em tribos africanas, no que ele intitula como vinculação, carente de restauração nas relações humanas, e, no objeto desta investigação, nas relações espirituais de cuidado através do discipulado:

Jean Mackellar contou-me sobre os anos que passou em Uganda, onde seu marido trabalhava como médico. As mães locais traziam seus bebês para serem examinados, e ficavam horas na fila esperando pacientemente. As mulheres carregavam os bebezinhos em uma tipoia, juntos a seus peitos nus. Os mais velhos eram carregados nas costas, no estilo dos índios. Nunca estavam enrolados em cueiros e nem usavam fraldas. No entanto nenhum deles estava sujo quando era finalmente atendido pelo médico. Surpresa com isso, Jean acabou perguntando a algumas das mulheres o que é que faziam para manter seus bebês limpos sem que usassem fraldas etc. “Oh!”, as mulheres responderam, “nós simplesmente vamos no mato”. Ora, Jean replicou, como é que sabiam quando os bebês precisavam ir ao mato? As mulheres ficaram admiradas com sua pergunta. “Como é que você sabe quando você tem de ir?”, exclamaram elas. [...] A mãe sentia o estado geral do bebê e antecipava todas as suas necessidades. Essas mães e seus bebês estavam vinculados. A vinculação é uma forma não-verbal de comunicação psicológica, uma harmonia intuitiva que funciona fora ou além dos modos de pensamento e percepções comuns, racionais e lineares. A vinculação envolve o que chamo de processamento primário, função biológica de valor prático imenso, mas perdida em grande parte pelo homem tecnológico.¹⁰⁹

¹⁰⁹ PEARCE, Joseph C. *A Criança Mágica: a redescoberta do plano da natureza para nossas crianças*. 3 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987. p.75.

Aplicando este princípio à correlação teológica desta fase natural da infância, é percebida a importância do vínculo nas relações de alimento espiritual. A perda deste vínculo, justamente, torna fria e ritualística a Santa Ceia, bem como as relações humanas de discipulado. O estímulo consciente a esta vinculação relacional através da Santa Ceia irá promover uma nova dimensão na relação humano-divina entre os filhos e o Pai, assim como a atitude do discipulador em estabelecer vínculo afetivo e relacional com o novo crente proporciona amplificação da influência e dimensão do discipulado nas relações eclesiais.

3.4.3. Face

A partir dos três meses de idade, um novo estágio aparece na organização da personalidade infantil: a distinção do outro, especialmente através da face.¹¹⁰ Segundo Wondracek, Rehbein e Cartell, em sua observação sobre este momento do desenvolvimento infantil em Spitz, a significativa mudança de maturação está expressa no fato de que “o bebê faz a passagem do padrão fisiológico (mundo pela boca) para o padrão relacional a partir da face”.¹¹¹ A criança torna-se um ser relacional, como modelo inicial da natureza religiosa do ser,¹¹² uma vez que, até então, no mundo conhecido não havia distinção entre indivíduos, era tudo concebido como integral e objetivamente fisiológico. Esta capacidade não é meramente sensorial, mas apresenta-se como uma linguagem para a relacionalidade,¹¹³ e é centrada especialmente na face materna como uma continuidade do processo anterior de vinculação, mas também alimentada por outras faces. Numa perspectiva teológica holística do desenvolvimento humano, Loder afirma sobre este período da vida humana:

[...] o protótipo de experiência religiosa, potencialmente manifesto em uma criança de três meses de idade, configura na vida humana subsequente uma solidão cósmica. Desenvolvimento humano além deste período pode ser compreendido como uma série de caminhos cíclicos, expressando este anseio e, implicitamente, a busca por uma centralidade transcendente da personalidade.¹¹⁴

¹¹⁰ SPITZ, 1988. p.65-72.

¹¹¹ WONDRAECK; REHBEIN; CARTELL, 2012. p.52.

¹¹² LODER, 1998. p.90.

¹¹³ LODER, 1989. p.162-163.

¹¹⁴ LODER, 1989. p.161. [...] *the prototype of religious experience, potentially manifest in a three-month-old-child, sets up in subsequent human life a cosmic loneliness. Human development beyond this*

Nesta compreensão, a descoberta e relacionalidade com a face do outro, tipifica a descoberta de Deus, na necessidade de buscar sua face, mais que seu suprimento. Segundo Loder, esta fase do desenvolvimento, centrada na face, é a resposta da busca por uma “ordem cósmica”, “impacto de autoconfirmação a partir da presença do outro amoroso”.¹¹⁵ Há uma transição significativa na busca por centralidade da personalidade, cuja essência passa de características fisiológicas para, a partir de então, interpessoais.¹¹⁶ Assim, a partir dos três meses de idade, a criança passa a compreender a amamentação como nutrição e a presença da mãe como um ser que difere de si mesmo, mas que o torna indivíduo por esta relação, sendo o novo organizador da personalidade. Neste estágio, é razoável afirmar que há muito mais significado existencial e completude do ser do bebê pela relacionalidade com a face materna do que apenas pela saciedade fisiológica.

Como analogia ao processo de discipulado para o desenvolvimento espiritual do novo cristão, inicia-se então um novo estágio de maturação no qual o discípulo busca, na relação com seu discipulador, o alimento para a centralidade de sua nova filiação (espiritual), na expectativa de enxergar Deus através da face relacional de seu discipulador, similarmente ao episódio em que Jesus afirma a Filipe, seu discípulo, na angústia deste por também conhecer o Pai, que “quem me vê, vê o Pai” (Jo 14:9). Mais uma vez, podem-se conceber duas vertentes desta compreensão: pelo olhar para Cristo para receber a presença de Deus, uma vez que “ele mesmo brilhou em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo” (2Co 4:6) e pelo olhar para o discipulador para que se perceba a Deus, como quando Jesus, na qualidade de discipulador de Filipe (antes da cruz), evidencia o fato de que Deus pode ser reconhecido pelo discípulo através da relação de discipulado, exatamente como o bebê concebe a ideia inconsciente de Deus através da distinção da figura da mãe, que o alimenta, segura, sustenta, protege e, principalmente, nutre de amor.

É importante observar, que nesta troca de fases, a atitude da mãe (ou de Deus ou do discipulador) permanece praticamente inalterada. O que essencialmente é

period may be understood as a series of circumambulations expressing this longing and implicitly searching for a transcendent centering of the personality. (tradução nossa)

¹¹⁵ LODER, 1989. p.163. [...] *cosmic-ordering [...] self-confirming impact from the presence of the loving other.* (tradução nossa)

¹¹⁶ LODER, 1989. p.162.

transformado é a cosmovisão do bebê (filho de Deus, discípulo) e como este centra sua personalidade e muda o foco de suas necessidades existenciais pela nova centralização do ser. Importa que a figura materna conheça esta carência, a fim de compreender que sua função não é apenas amamentar, e, nesta consciência, reconhecer a importância de sua presença e olhar como fonte de completude.

3.4.4. *Angústia*

Período compreendido dos seis aos quatorze meses de idade, aproximadamente, o novo organizador do ego chama-se angústia. De acordo com Loder, este período deve ser compreendido como uma angústia que se baseia em eventos que o próprio mundo, da forma que até então é assimilado pela criança, provoca sobre ela, justamente naquilo que é interiormente imaginado e temido que sobrevenha: a ausência da face materna.¹¹⁷ A percepção desta ausência torna-se, nesta fase, um novo organizador da personalidade. Juntamente com o senso de tal percepção, emerge a capacidade linguística, com o início do uso da palavra “não” para externalizar tal repressão, bem como início do processo de mobilidade locomotora, contribuinte para o senso de autonomia do sujeito.

O mecanismo da repressão, a angústia pela ausência materna e a negação verbal são, inconscientemente, propulsores para um novo patamar de formação do ego. Este senso de repressão e negação “é gradualmente suprimido pelo aumento de competência, atividade e mobilidade”,¹¹⁸ causando, em contrapartida, desenvolvimento de habilidades e autonomia da criança. Esta constitui a negação natural do ser, antecedente ao estágio que será constituído pela dupla negação. Nesta primeira negação, a centralização da personalidade consiste justamente em não permitir que a completude gerada pela presença materna seja desfeita. Naturalmente, esta negação é resposta àquilo que tem sido pressentido como tendência de normalidade, nas atitudes maternas de “não alimentar a criança quando ela quer, não tomá-la no colo, deixá-la sozinha com outra pessoa”,¹¹⁹ como exemplos práticos desta

¹¹⁷ LODER, 1998. p.91-92.

¹¹⁸ LODER, 1989. p.164. [...] *is gradually suppressed by his or her increased competency, activity and mobility.* (tradução nossa)

¹¹⁹ WONDRAČEK, 2010. p.218.

fase. É importante observar que neste íterim dá-se início à alimentação complementar à amamentação.¹²⁰

A atitude materna é, portanto, imprescindível para que a criança se desenvolva nesta fase, provocando este desapego à sua presença constante, tal qual deve ser a atitude do discipulador para com o novo cristão. É momento de fazer o discípulo perceber a tentação, perceber a importância da presença de Deus em sua vida, possibilitar que seja gerada angústia por essa presença através da própria ausência do discipulador. Iniciar-se-á o processo de autonomia da busca pela face de Deus por parte do discípulo, de escolher livremente entre seguir em angústia distante desta presença ou avançar para um novo momento em que a negação de tal angústia gere o senso de completude devido.

Percebe-se claramente este momento de angústia e expectativa de abandono quando, por exemplo, imediatamente após a fala de Jesus sobre a necessidade de sua própria morte, Pedro, “chamando-o à parte, começou a repreendê-lo, dizendo: “Nunca, Senhor! Isso nunca te acontecerá!” (Mt 16:22), negando a continuação do propósito de Deus em que Jesus cumpriria seu papel messiânico, o projeto que consumaria um caminho de salvação para toda a humanidade, simplesmente pela angústia de ser separado da presença de Jesus.

A continuação desta narrativa bíblica abre caminho para a compreensão de Loder, baseado na formulação do ego de Spitz, sobre a maturação espiritual humana, na relação Espírito-espírito, quando Jesus, em resposta, após repreender a Pedro, ensina que a solução para a contínua angústia da perda da face maternal, consiste em condição de constante dupla negação: “se alguém quiser acompanhar-me, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me. Pois quem quiser salvar a sua vida, a perderá, mas quem perder a sua vida por minha causa, a encontrará” (Mt 16:24-25). Ou seja, se Pedro conseguisse negar a seu desejo de negar a partida de Jesus, realmente encontraria a vida, consonante com o propósito de Deus, compreendendo que a negação de seu desejo resultaria na descoberta da verdadeira vida, cheia da presença de Deus através da própria atitude de Jesus (como discipulador) de afastar-

¹²⁰ NAYLOR, A.J. (Ed.); MORROW, A. (Co-Ed.). *Developmental Readiness of Normal Full Term Infants to Progress from Exclusive Breastfeeding to the Introduction of Complementary Foods*. Washington: Wellstart International e LINKAGES Project/Academy for Educational Development, 2001. p.13.

se, o que não aconteceu imediatamente, mas gradativamente após este episódio, conforme os relatos dos evangelhos.

3.4.5. Negação

Em torno dos quatorze meses de vida, estendendo-se até os dezoito meses, fechando o ciclo de estudo de Spitz, a criança desenvolve uma reação à angústia, denominada como negação. Segundo Loder, a negação manifesta-se muitas vezes por meio da “solidão, medo ou desconfiança”¹²¹ em resposta à inibição exterior, especialmente pelo “não” parental. “A autonomia do ego emerge como uma suplementação de desenvolvimento do aprendizado infantil, como o agente, ao invés da vítima, da negação”.¹²² Nesta concepção, a negação que gera a fundação do ego e tendência de crescente autonomia do ser, concordando com Loder, concebe prejuízo ao espírito humano, pois o desenvolvimento natural, quando desatrelado da relação Espírito-espírito, é tido como uma constante negação e repressão do senso de propósito e significado da existência. Assim, a negação que produz maturidade consiste, na verdade, em uma dupla negação, na qual o ser em desenvolvimento aprende a negar o que naturalmente negaria. Este processo, ciclicamente, gera abertura para um novo momento de vazio, que proporciona renascimento para um novo estágio de desenvolvimento.

Uma vez que o ego é formado, autônomo, caracterizando a personalidade inicial do indivíduo, surge o fim de um ciclo e o início de um novo. A dupla-negação é justamente o que ocorreu instintivamente no nascimento e, neste momento, ciclicamente, vem à tona para instaurar o vazio e a solidão que o início de um novo ciclo naturalmente produz. Wondracek, Rehbein e Cartell resumem a ideia de Loder sobre este momento, ao dizer que “o estabelecimento da confiança básica (Erikson), dos mecanismos de defesa (Anna Freud) e da inteligência (Piaget) são soluções defensivas e funcionais para uma crise existencial e ‘irredutivelmente teológica’”.¹²³ Portanto, solidão e vazio somente podem ser solucionados quando, teologicamente, o ser encontra-se novamente com a face que não vai embora, na relação Espírito-

¹²¹ LODER, 1998. p.105. [...] *loneliness, dread or mistrust*. (tradução nossa)

¹²² LODER, 1989. p.164. *The ego autonomy emerges as an outgrowth of the child's learning to function as the agent rather than the victim of negation*. (tradução nossa)

¹²³ WONDRAECK; REHBEIN; CARTELL, 2012. p.61.

espírito, causando completude aos anseios naturais e percepção de amor nutriente à vida, mesmo para o indivíduo autônomo. Por isso, este primeiro ciclo de desenvolvimento humano (infantil), a partir de Spitz, pode ser visto como prototípico da perspectiva teológica do desenvolvimento humano e sua correlação com o discipulado cristão.

Nesta correlação, cabe a leitura de um novo ciclo, que após o evento do batismo (nascimento), como primeira dupla negação, vem à repetição de forma cada vez mais consciente e autônoma. Neste momento há o início da transição do padrão de discipulado de um viés materno para paterno, no qual a paternidade interfere sobre a identidade e, ao mesmo tempo, gera autonomia e aprovação sobre o indivíduo. Vale destacar, numa perspectiva teológica cristã de desenvolvimento, o impasse ao vazio frente à abnegação (dupla negação loderiana) necessária ao discipulado, como quando Jesus afirma que “se alguém quiser acompanhar-me, negue-se a si mesmo, tome diariamente a sua cruz e siga-me” (Lc 9:23), e, ainda, ao jovem rico, numa aplicação deste princípio, “Jesus olhou para ele e o amou. ‘Falta-lhe uma coisa’, disse ele. ‘Vá, venda tudo o que você possui e dê o dinheiro aos pobres, e você terá um tesouro no céu. Depois, venha e siga-me.’” (Mc 10:21). Sabe-se que, para aquele jovem, a dupla negação foi barreira intransponível, já que a negação da própria riqueza era tesouro pessoal acima do amor ao Reino de Deus.

Neste momento, o cristão e a cristã precisam compreender sua autonomia, de forma a desenvolver sua identidade e vocação mais intensamente a cada ciclo, vinculado a seu discipulador ou discipuladora numa perspectiva cada vez mais paternal, bem como com Deus, descobrindo que a verdadeira vida não reside na pura independência, mas na descoberta de sentido por continuar dependendo desta Presença voluntariamente, mesmo em face de plena autonomia para sobrevivência. Concordando com o apóstolo Pedro, pode-se afirmar: “empenhem-se ainda mais para consolidar o chamado e a eleição de vocês, pois se agirem dessa forma, jamais tropeçarão” (2Pe 1:10).

O próximo capítulo tratará de minuciar o processo de transição de estágios, que por sua vez devem ser conhecidos e, em certa medida, provocados pelas relações parentais para que haja significado à existência. Do contrário, dificilmente encontra-se sentido real para a vida, passando todo o seu curso na negação, causada pela angústia de imensurável vazio e solidão.

4. MOMENTOS TRANSFORMADORES: A CHAVE DO DESENVOLVIMENTO

Este capítulo propõe dissertar, especialmente com base nos conceitos loderianos, uma possível teorização para a dinâmica de transição de estágios, maior fonte geradora de desenvolvimento e maturação humana, como afirmado no capítulo anterior. Esta dinâmica, nos conceitos da lógica transformativa do Espírito de Deus em relacionalidade com o espírito humano, é ativamente correlata a descobertas cognitivas por parte do indivíduo que o fazem perceber novos espectros da realidade holística de sua existência.

James Loder é o autor que estabeleceu o conceito dos “momentos transformadores” para dentro da lógica de desenvolvimento humano em sua relação com o divino. Tão significativa é esta expressão para Loder que tornou-se o título de sua primeira obra de maior impacto neste quesito: *The Transforming Moment*¹²⁴ (O Momento Transformador¹²⁵). Contudo, esta formulação não ocorreu de forma científica para posterior prova por experiência, mas justamente o contrário. Loder, a partir de experiências que o levaram a compreender a vida e Deus de uma forma mais ampla, teoriza e sistematiza, em sua esfera de conhecimentos, um padrão humano de se deparar com conflitos interiores que fazem emergir novas realidades, ou, em termos bíblicos, com a “pedra de tropeço” (Rm 9:32) diante de si.

De acordo com o que já foi dissertado, a sumarização loderiana da perspectiva teológica no desenvolvimento humano passa pela evidência de seu caráter transformacional e analógico. Para Loder, transformação ocorre quando “dentro de qualquer quadro de referência, ordens ocultas de significado e coerência surgem para questionar os axiomas deste quadro e reordenar seus elementos correspondentemente”.¹²⁶ Transformação resulta em uma nova ordem, em uma nova ótica, compreensão ou reação ao que pode ser, inclusive, uma mesma realidade, pois os axiomas é que são transpostos. Em outras palavras, a transformação humana

¹²⁴ LODER, 1989.

¹²⁵ Tradução nossa.

¹²⁶ LODER, 1998. p.35. [...] *within any given frame of reference hidden orders of meaning and coherence arise to call the axioms of that frame into question and reorder its elements accordingly* [...] (tradução nossa)

emerge do espírito humano, causando mudança no contexto existencial. Mesmo que o próprio ser não o compreenda plenamente, passa a viver segundo o novo axioma, transformado. Esta é continuamente a mais pura expressão de relacionalidade entre o espírito humano e a realidade holística do ser. Entretanto, esta lógica apresentada não parece ser suficiente em si. Neste aspecto, Loder argumenta que todo o esforço das ciências humanas em encontrar explicações para a própria humanidade não possuem uma base de sustentação, pois estão, como no dualismo Newtoniano, vulneráveis em seu ponto de observação, já que o observador e o objeto de estudo confundem-se: é o próprio ser humano quem desenvolve as ciências humanas com base única em si mesmo. Para que haja consolidação dos fundamentos científicos, é necessário que uma base externa ao ser humano apresente-se com confiabilidade, o que dá vazão ao cristianismo e aos aportes bíblicos, numa perspectiva interdisciplinar, em que a teologia se torna parte crucial da compreensão antropológica e fenomenológica da vida, causando uma plausível compreensão do desenvolvimento humano a partir da relacionalidade com o próprio espírito humano, afetado pelo Espírito de Deus, somente possível pela premissa da imagem de Deus.¹²⁷

Ao olhar para o desenvolvimento teologicamente, através das lentes do Espírito Criador, nós veremos, eventualmente, que a dinâmica do desenvolvimento, desde as particularidades da linguagem, pensamento, padrões de afeto e julgamento moral, bem como os movimentos mais globais de estágio para estágio no desenvolvimento do ego, são compelidos à frente de acordo com um padrão transformacional que reflete em um nível humano o mesmo padrão que caracteriza o Espírito Criador.¹²⁸

Loder utiliza diversas nomenclaturas para enaltecer os momentos de transformação, de desenvolvimento e de maturação. Nesta linguagem, uma das premissas para que haja compreensão desta dinâmica de transição de estágios são os “eventos de conhecimento”, momentos nos quais há interação Espírito-espírito para formação do indivíduo. Estes eventos de conhecimento fazem parte de “experiências de convicção” que tornam o ser humano “convencido” de uma realidade diferente daquela percebida até então. Segundo Loder, todo o evento de conhecimento realmente significativo para o desenvolvimento humano é dirigido e

¹²⁷ LODER, 1998. p.3-43.

¹²⁸ LODER, 1998. p.17. *By looking at development theologically, through the lenses of the Creator Spirit, we will eventually see that the dynamics of development, down to the particulars of language, thought, patterns of affect, and moral judgment, as well as the more global moves from stage to stage in ego development, are compelled forward according to a transformational pattern that reflects on a human level the same pattern as that which characterizes the Creator Spirit.* (tradução nossa)

modelado pelo espírito humano, ou seja, é um evento holístico, percebido de forma natural, mas construído também no âmbito espiritual.¹²⁹

Neste sentido, uma ponte é estabelecida entre o conhecimento de convicção e o conhecimento natural, tornando-os fundidos a partir de experiências de convicção. Loder afirma que “conhecer qualquer coisa é internalizar isto e reconstruir em seus próprios termos, sem perder a essência do que está sendo internalizado”,¹³⁰ sendo tal conhecimento concebido como um evento.¹³¹ No âmbito de momentos transformadores, “um evento de conhecimento sempre acontece em algum contexto”,¹³² e este contexto, na Lógica do Espírito, são as experiências de convicção: “e conhecerão a verdade, e a verdade os libertará” (Jo 8:32).

4.1. Experiências de Convicção

Para Loder, existem momentos específicos no decorrer do período de vida do indivíduo que geram um senso de ressignificação, reflexão e consequente transformação. Tais momentos são por ele intitulados como “experiências de convicção”,¹³³ momentos nos quais uma nova realidade pode ser percebida, revelada, chamando a atenção do ser para uma nova leitura de valores, de prioridades e da própria existência. Estas experiências de convicção possuem uma capacidade intrínseca de internalizar um conhecimento de convicção, a partir da resultante nova compreensão de si mesmo com relação a um propósito existencial e à realidade divina em relacionalidade com o humano. A partir daí, abrem-se portas interiores para que o descortinar deste conhecimento que gera convicção, resulte em um momento transformador, que desencadeia um novo futuro, afetando inteiramente o ser.

Segundo Kovacs, foram estes momentos transformadores de Loder, em ser convicto de uma realidade espiritual relacional com Deus, que o impulsionaram a repensar suas perspectivas teológicas e “dar forma a seu entendimento do que significa ser um discípulo de Jesus Cristo”.¹³⁴ De forma mais geral, Kovacs argumenta

¹²⁹ LODER, 1989. p.1-3.

¹³⁰ LODER, 1989. p.25. *Knowing anything is to indwell it and to reconstruct it in one's own terms without losing the essence of what is being indwelt.* (tradução nossa)

¹³¹ LODER, 1989. p.35-65.

¹³² LODER, 1989. p.37. [...] *a knowing event always takes place in some context.* (tradução nossa)

¹³³ LODER, 1989. p.14. *Convictional experience.* (tradução nossa)

¹³⁴ KOVACS, 2011. p.4. [...] *and shaped his understanding of what it means to be a disciple of Jesus Christ.* (tradução nossa)

que, “intrínseco à toda vida cristã, afirma Loder, estão experiências de *metanoia*”.¹³⁵ “Estas são momentos de convicção, momentos de transformação.”¹³⁶ Constituem experiências-chave para a compreensão dos questionamentos mais profundos de significado e propósito existencial.

Para Loder, o divisor de águas para esta nova compreensão existencial foi sua grandiosa experiência de convicção, desencadeada por um acidente automobilístico, em setembro de 1970. Em viagem de lazer com sua família, numa autoestrada, Loder decide parar seu carro no acostamento em auxílio a uma senhora, que não possuía aparentes recursos para substituir o pneu furado de seu carro. Enquanto Loder trabalhava para tentar encaixar o macaco na parte frontal do carro, outro carro colide contra o veículo em questão, arrastando Loder junto e para baixo do mesmo, por aproximadamente cinco metros de distância. James Loder teve o polegar direito decepado, o pulmão esquerdo perfurado, cinco costelas quebradas e grande parte da pele arrancada.¹³⁷

Consciente durante todos os momentos, de forma absolutamente inesperada, Loder não somente sobrevive, mas percebe a vida de forma completamente distinta, com novo significado, resumindo para sua família aquele momento de espera por socorro com a frase: “não se preocupem; isto tem um propósito”.¹³⁸ Loder experimentou um milagre, testificado inclusive pelos médicos que o acompanharam no processo acelerado e sobrenatural de recuperação, uma verdadeira experiência de convicção que reordenou sua compreensão existencial, consciente da interação e revelação de Deus em seu espírito e na experiência como um todo, resultante em um momento transformador que afetou completamente o seu futuro. “Fato e significado se combinaram para compor uma experiência de convicção.”¹³⁹

Momentos transformadores precisam ser reconhecidos como fonte de novo conhecimento sobre Deus, si mesmo, e o mundo, e como geradores de

¹³⁵ Loder apropria-se do uso do termo “metanoia” no conceito atribuído por H. Richard Niebuhr, para descrever uma “revolução permanente” ou a contínua transformação da vida humana sob divina iniciativa, numa descrição mais apropriada aos momentos transformadores, para não restringi-los à expressão “conversão”. (LODER, 1989. p.19)

¹³⁶ KOVACS, 2011. p.1. *Intrinsic to every Christian life, asserts Loder, are experiences of metanoia. These are moments of conviction, moments of transformation.* (tradução nossa)

¹³⁷ LODER, 1989. p.9-12.

¹³⁸ LODER, 1989. p.10. *Don't worry; this has a purpose.* (tradução nossa)

¹³⁹ LODER, 1989. p.12. *Fact and meaning had combined to compose a conviction experience.* (tradução nossa)

qualidade e força de vida que podem lidar criativamente com o senso de vazio que envolve as extremidades e penetra as fontes do viver moderno.¹⁴⁰

4.1.1. O processo de convicção

As experiências de convicção descritas por Loder não cabem numa compreensão unicamente humana. Para compreender este conceito, é necessário que haja clareza do indivíduo como holístico e sendo afetado pelos propósitos de Deus em sua relacionalidade Espírito-espírito. Por isso, Loder afirma que “a maneira na qual a ‘experiência de convicção’ descortina a realidade e chama para novas interpretações é o foco de minha atenção”.¹⁴¹ Dessa forma, pode-se teorizar o processo de convicção como parte da Lógica do Espírito em sua relação com o ser humano.

Neste conceito, três eixos de convicção são evidentes: o Convictor, a pessoa convicta, e a resistência através do tempo do relacionamento de convicção entre eles. Falar de ‘experiência’ em relação com convicção significa que a pessoa convicta é compelida a reabrir a questão da realidade à luz da natureza presumida do Convictor e do relacionamento de convicção.¹⁴²

A partir desta compreensão tríplice do processo de convicção, que produz o conhecimento de convicção a partir de experiências de convicção, resultando em momentos transformadores que afetam todo o ser, Loder expressa algumas preocupações com possíveis e corriqueiros equívocos na leitura de tais momentos, que resultam no interromper do processo de convicção. Tais equívocos podem ser caracterizados por duas principais raízes: psicológica e teológica.

Psicologicamente, por influências culturais e de autossuficiência, há uma tendência de se interpretar experiências de convicção como momentos de fraqueza e desespero que não são capazes de descrever a realidade, mas que devam ser desprezados por seu teor emotivo e excepcional, como por exemplo quando frente a

¹⁴⁰ LODER, 1989. p.xix. *Transforming moments need to be recognized as sources of new knowledge about God, self, and the world, and as generating the quality and strength of life that can deal creatively with the sense of nothingness shrouding the extremities and pervading the mainstream of modern living.* (tradução nossa)

¹⁴¹ LODER, 1989. p.14. *The way in which “convictional experience” discloses reality and calls for new interpretations is the focus of my attention.* (tradução nossa)

¹⁴² LODER, 1989. p.14. *In this imagery three axes of conviction are evident: the Convictor, the convicted person, and the endurance through time of the convictional relationship between them. Speaking of “experience” in relation to conviction means that the convicted person is compelled to reopen the question of reality in light of the presumed nature of the Convictor and the convictional relationship.* (tradução nossa)

uma possibilidade de ressignificação alguém facilmente clama pela intervenção de Deus e logo após considera tudo como uma grande coincidência, interrompendo a relação com o Convictor.

Teologicamente, salvo algumas exceções, há, especialmente, dois extremos que produzem tais equívocos. Por um lado, o pentecostalismo com o intuito de mistificar e espiritualizar unilateralmente qualquer experiência, não conseguindo conectá-la a um sentido existencial humano e terreno e tampouco preocupar-se com a possibilidade de teorizar tais experiências a fim de encontrar significado. Exceto, ainda que superficialmente, quando esta experiência especificamente produz a inicial conversão, do paganismo para o cristianismo, que ainda assim é, muitas vezes, baseada em emoções. Por outro lado, a teologia reformada, que tende a descreditar experiências sobrenaturais, no que Loder intitula como “repressão teológica da experiência”.¹⁴³ Especificamente ao seu ambiente Presbiteriano, mas que, com base em outras pesquisas, supõe como válido a todo o movimento reformado, esta cultura teológica gera uma “profunda e intocável consciência de convicção”,¹⁴⁴ uma vez que pesquisas demonstram que 80% dos clérigos e 50% dos leigos (no contexto reformado Presbiteriano americano) relatam a vivência de tais experiências, porém com um senso interior de repressão.¹⁴⁵

Para Loder, a constante cristã de “*metanoia* significa que a autorrevelação de Deus deveria repetidamente transfigurar o próprio pensamento teológico”,¹⁴⁶ como algo natural à vida, à maturidade da relação de conhecimento do Convictor e à autoleitura das experiências de convicção. Todavia, a *metanoia* em si pode validar a experiência de convicção, mas não consegue construir caminhos teológicos além da legitimação. Por isso, urge uma aproximação das experiências de convicção à teologia para que se possa suprir de forma consciente a atuação desta à vida, especialmente no que tange à maturação espiritual e sua relação com o discipulado.

A teologia, em contraste com as ciências humanas, concentrou-se no *que* acreditar e deu menos atenção ao *como* se chega a acreditar no que é teologicamente sadio. A maioria das respostas teológicas de *como* ou foram sutilmente transformadas em questões do *que* ou elas foram relegadas ao Espírito Santo. No entanto, de todas as doutrinas centrais ao cristianismo,

¹⁴³ LODER, 1989. p.18. [...] *theological repression of that experience*. (tradução nossa)

¹⁴⁴ LODER, 1989. p.18. [...] *deep, untapped convictional unconscious*. (tradução nossa)

¹⁴⁵ LODER, 1989. p.15-21.

¹⁴⁶ LODER, 1989. p.20. *Metanoia means that God's self-disclosure should repeatedly transfigure theological thinking itself*. (tradução nossa)

aquela é a mais mal definida, repleta de mistérios e perdida na confusão. *Como o Espírito Santo ensina, conforta, aflige e conduz a “toda a verdade” é em grande parte um vazio teológico.*¹⁴⁷

Assim, o processo de convicção fica dependente dos fundamentos psicológicos e teológicos do indivíduo para que possa ser validado, a partir do reconhecimento de uma experiência de convicção que oportuniza a relação com o Convictor através do Espírito Santo. O discipulado possui um papel fundamental neste interim, proporcionando iluminação aos olhos do coração (Ef 1:18) e, ao mesmo tempo, gerando abertura para novas maneiras através das quais Deus, como Convictor, possa se revelar ao outro. Neste sentido, Loder afirma que “ninguém pode saber ou compreender o significado central de uma experiência de convicção observando-a do lado de fora”.¹⁴⁸ Por isso, a relação parental de discipulado se constitui como matéria indispensável. Trazendo à memória a relação das mães africanas com seus bebês, citadas no capítulo anterior, pode-se dizer que naquela relação não haviam observações externas às experiências, mas mutuamente percebidas.

Por fim, cabe à compreensão do processo de convicção que, mesmo sendo desencadeado por uma experiência de convicção e resultando em um conhecimento de convicção, na relação entre Deus como Convictor e o ser humano como convicto de uma nova realidade, e ainda demarcando a existência do indivíduo como um momento transformador, este processo, por si só, não é o objetivo existencial. Todos esses eventos somente possuem sentido quando resultam em transformação. Se não ocorrer transformação, o objetivo não foi alcançado, maturidade não foi despertada e o indivíduo continuará a viver no mesmo patamar de realidade, porém agregando misticismo ao seu passado (numa leitura incorreta da experiência de convicção), que é o que parece ocorrer em diversos contextos religiosos de busca ao transcendente. Portanto, independentemente da experiência, no contexto de discipulado, é preciso que todos objetivem receber, a partir de sua relação com Deus, transformação.

¹⁴⁷ LODER, 1989. p.20. *Theology, in contrast to the human sciences, has concentrated on what to believe and has paid relatively less attention to how one comes to believe what is theologically sound. Most of the theological answers to how have either been subtly turned into questions of what or they have been relegated to the Holy Spirit. However, of all doctrines central to Christianity, that one is the most ill-defined, fraught with mystery, and lost in confusion. How the Holy Spirit teaches, comforts, afflicts, and leads into “all truth” is largely a theological blank.* (tradução nossa)

¹⁴⁸ LODER, 1989. p.22. *No one can know or comprehend the central meaning of a convicting experience from a standpoint outside it.* (tradução nossa)

Não se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente, para que sejam capazes de experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus. (Rm 12:2)

4.2. A Lógica da Transformação

Tendo, portanto, a transformação como objetivo, chega o momento de canalizar o estudo desta dinâmica de transição de estágios ao que pode ser intitulado como uma lógica da transformação. Esta, segundo Loder, “descreve um padrão coerente de transformação, cuja lógica inerente combina continuidade e descontinuidade através de uma persistência da intenção”,¹⁴⁹ ou seja, da intenção de ser transformado a um novo estágio de maturação. Neste padrão, a ser discutido nos parágrafos seguintes, importa ressaltar que a forma como a transformação ocorre pode variar de acordo com o contexto, mas, na essência, corresponde a uma sistematização atrelada à natureza humana de desenvolvimento. Loder ratifica este conceito, afirmando que “tais expressões de transformação variam na superfície, mas na profundidade, o padrão subjacente permanece o mesmo”.¹⁵⁰

Transformação é o termo principal, designa uma mudança em forma, de ordens de vida inferiores para superiores, ao longo de uma contínua linha de intenção ou desenvolvimento. [...] Na personalidade humana, transformação ocorre entre distintos registros de comportamento e dentro deles.¹⁵¹

É importante compreender que na lógica transformacional loderiana, da qual este capítulo se apropria, é possível vislumbrar transformação no ser humano em diversas esferas de conhecimento, tais como científico, estético, terapêutico ou outras formas variadas de vivência e aprendizado. Contudo, todos estes eventos de conhecimento e atuações transformativas podem ser vistos como incompletos quando comparados à transformação e ao conhecimento de convicção que ocorre no indivíduo nos momentos transformadores em que se dá vazão para a relacionalidade Espírito-espírito.¹⁵² Do contrário, apenas o espírito humano, como fonte em si mesmo e suas descobertas, é que produz tal transformação.

¹⁴⁹ LODER, 1989. p.41-42. [...] describes a coherent pattern of transformation whose inherent logic combines continuity and discontinuity through a persistence of intention. (tradução nossa)

¹⁵⁰ LODER, 1989. p.42. Such expressions of transformation vary at the surface, but the deep, underlying pattern remains the same. (tradução nossa)

¹⁵¹ LODER, 1989. p.43. Transformation is the major term, designating a change in form from lower to higher orders of life along a continuous line of intention or development. In the human personality transformation occurs between the distinct registers of behavior and within them. (tradução nossa)

¹⁵² LODER, 1989. p.44-65.

Para sistematizar esta lógica transformacional, Loder descreve uma dinâmica de transição de estágios por uma leitura ao padrão humano de desenvolvimento, passando pelas fases de conflito, escaneamento, libertação e verificação, como detalhado a seguir.

Estou sinalizando para uma dinâmica de transição de estágio que se inicia no conflito e avança através do mapeamento para a construção de um *insight* sobre o lugar do indivíduo no mundo, ou para a edificação de um novo meio de construir uma nova ordem pessoal para fora do caos, seguida por uma liberação de tensão vinculada ao conflito original. Agora, nova energia é disponível para ser redistribuída, e assim o desenvolvimento é comprovado e avança, edificado sobre esse senso de ordem recém-construído.¹⁵³

4.2.1. Conflito

O conflito é o primeiro estágio da lógica da transformação. Conforme a Lógica do Espírito, este conflito não é estabelecido entre indivíduos, externamente, mas sim pelas experiências de convicção, interiormente, que abalam as estruturas de realidade vigentes. Concordando com Loder, há “muito mais significância pessoal se o conflito inicial não for artificialmente gerado de fora”;¹⁵⁴ contudo, fatos externos podem desencadear conflitos por realidades que já estavam impregnadas no ser, esperando por um gatilho de experiência. Para que haja transformação, é crucial esta interferência sobre os conceitos de realidade. Assim, relativo ao conhecimento do ser, o conflito emerge como uma ruptura àquilo que é concebido como lógico. Nenhum indivíduo permitirá um conflito interior se não for despertada uma ruptura que gere incerteza ou incompletude ou, no mínimo, falta de compreensão para fatos que diverjam das estruturas anteriormente estabelecidas.

Em um dado contexto, o profundo movimento do espírito humano inicia em incansável incoerência, dicotomia, ou situações fragmentadas [...] que desafiam nossos anseios elementares por coerência. O movimento do espírito é “profundo” porque geralmente a incoerência básica é mais inconsciente do que consciente. Além disso, as forças geradoras do espírito

¹⁵³ LODER, 1998. p.88. *I am pointing to a stage transition dynamic that begins in conflict and moves through scanning to the construction of an insight about one's place in the world, or the construction of a new way of construing personal world order out of chaos, followed by the release of tension bound up within the original conflict. Now new energy is available to be redistributed, and thus development proves out and moves ahead, building on this newly constructed sense of order.* (tradução nossa)

¹⁵⁴ LODER, 1989. p.37. [...] *far greater personal significance if the initial conflict is not generated from outside.* (tradução nossa)

não estão suficientemente engajadas até que os recursos inconscientes tornem-se envolvidos em resolver a incoerência.¹⁵⁵

Para Loder, “quanto mais alguém se importa com o conflito, mais poderoso será o evento de conhecimento”¹⁵⁶ que resultará, pois é no conflito que o conhecimento de convicção, para validar a experiência como transformadora, começa a ser gerado, em busca de coerência. Aqui entra a função do discipulador como parentalidade espiritual: de não somente estimular o desejo de transformação e a valorização dos conflitos, mas também de provocar profundidade e relevância nestes, mediante a percepção de situações que estejam causando ruptura para a maturidade. Para conhecer de fato, é preciso valorizar, importar-se tanto com a experiência quanto com a possibilidade de transformação para crescimento.

Um exemplo bíblico deste momento pode ser extraído da situação em que Jesus indaga seus discípulos sobre como as outras pessoas estavam se referindo a Ele (Mt 16:13). Facilmente, eles relatam os conceitos que a sociedade estava produzindo sobre Jesus (Mt 16:14). Contudo, Jesus torna a questão pessoal, indagando: “e vocês?”, perguntou ele. “Quem vocês dizem que eu sou?” (Mt 16:15). Neste momento, os discípulos entram em situação de conflito que produziria transformação, pois cruzavam as informações da opinião popular sobre Jesus ao que eles estavam testemunhando como discípulos e ao que percebiam como realidade dentro de si. Uma ruptura momentânea se instala, um estado de incoerência que produziria uma nova realidade frente ao conflito despertado.

4.2.2. Escaneamento

Uma vez que o conflito é assumido e internalizado, surge o segundo estágio da lógica da transformação: o interlúdio para escaneamento. Loder utiliza este termo interlúdio para justamente pressupor um vazio que presume um novo momento, um intervalo que carrega em si o alvo da transformação. Neste contexto, Loder afirma que

¹⁵⁵ LODER, 1989. p.3. *In a given context, the deep movement of the human spirit begins in restless incoherence, dichotomy, or fragmented situations [...] which defy our elemental longings for coherence. The spirit's movement is “deep” because often the basic incoherence is more unconscious than conscious. Furthermore, the generative powers of the spirit are not sufficiently engaged until unconscious resources become involved in resolving the incoherence.* (tradução nossa)

¹⁵⁶ LODER, 1989. p.37. *[...] the more one cares about the conflict the more powerful will be the knowing event.* (tradução nossa)

“ser temporariamente desconcertado com um conflito na situação de alguém é ser levado, consciente e inconscientemente, ao familiar processo psicológico de buscar as possíveis soluções”.¹⁵⁷ Novamente, o instinto humano irá lutar por equilíbrio e coerência, fazendo desencadear este processo de escaneamento. Enquanto o escaneamento não encontrar possíveis soluções, o processo de transição de estágios continuará estagnado, podendo levar segundos ou anos para encontrar uma solução. Loder descreve que este escaneamento é um processo da natureza humana, quando afirma que “é inato desejar completude da lógica transformacional onde quer que ela apareça, assim como desejamos completude para qualquer frase reconhecível ou qualquer forma narrativa”.¹⁵⁸

Uma vez que um conflito é engajado, o espírito inicia a busca por solução. Ele escaneia o interior e o exterior para possibilidades relevantes e protótipos além da estrutura do problema [...] que podem superar as discrepâncias que não estão consistentes com a integridade de nossa busca ou de nossas almas.¹⁵⁹

Este processo de escaneamento pode contar com a interação da relação de discipulado, na qual fatores internos e externos possam ser combinados e levantados, via aconselhamento e à luz da Palavra de Deus, a fim de se encontrar uma saída. Para Loder, este interlúdio deve ser objeto de esforço do indivíduo, no que diz respeito não somente à busca por soluções, natural à sua humanidade, mas especialmente em manter o problema como conflituoso, sem perder o foco da transformação.¹⁶⁰

No caso relatado de Jesus, em Cesareia de Filipe, pode-se perceber que a narrativa de Mateus aguarda alguma resposta. Não havia como deixar em branco ou mudar de assunto. Claramente os discípulos passaram por uma fase de interlúdio para escaneamento, não apenas por temor ao mestre, mas, principalmente, pela reflexão causada pelo conflito em busca de soluções. Como se pensassem: “eu descobri que não sei quem Jesus é para mim... como pode, sendo um discípulo, não ter este

¹⁵⁷ LODER, 1989. p.37. *To be temporary baffled over a conflict in one's situation is to be drawn both consciously and unconsciously into the familiar psychological process of searching out the possible solutions.* (tradução nossa)

¹⁵⁸ LODER, 1989. p.42. *It is innate to want completion of transformational logic wherever it appears, just as we want completion of any recognizable sentence or any narrative form.* (tradução nossa)

¹⁵⁹ LODER, 1989. p.3. *Once a conflict is engaged, the spirit begins the search for resolution. It scans inward and outward for relevant possibilities and prototypes beyond the frame of the problem [...] that can overcome the discrepancies which are not consistent with the integrity of our research or of our souls.* (tradução nossa)

¹⁶⁰ LODER, 1989. p.37-38.

conhecimento? Mas agora urge saber: quem Jesus é para mim?” Esta não era uma questão de múltipla escolha. A resposta é única, e precisa ser gerada com convicção.

4.2.3. *Insight*

Dado o estágio de escaneamento na Lógica da Transformação, surge o terceiro estágio deste processo: o insight, também intitulado “ato construtivo da imaginação”.¹⁶¹ O insight é o resultado do êxito de uma bissociação que produz uma ponte para a ruptura causada pelo conflito, como fruto do interlúdio para escaneamento, que surge como uma intuição ou visão, no sentido de descoberta, com grande força de convicção. Torna-se o mediador entre o conflito e a libertação deste, ou seja, entre a ruptura e a transformação da realidade. Loder conclui que “mediação é requerida para que os elementos do conflito original se organizem de uma nova maneira”,¹⁶² transpondo o axioma de realidade.

Mais cedo ou mais tarde a engenhosidade do espírito surpreenderá e, muitas vezes, nos encantarà com uma resolução construtiva que reconstela os elementos da incoerência e cria um novo, mais compreensivo, contexto de significado. Este novo contexto transforma os elementos ou quadros de referência previamente conflitados, porém sem distorcer sua integridade.¹⁶³

Este é um momento muito especial na dinâmica de transição de estágios, pois o indivíduo percebe a si mesmo como produtor de conhecimento, um conhecimento de convicção que faz emergir uma nova realidade, ante o conflito estabelecido. Fica claro o insight na situação de Jesus com seus discípulos quando Pedro (Simão) afirma que “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt 16:16). Esta resposta, como fruto da relacionalidade Espírito-espírito, é um indicador de conhecimento de convicção gerado pelo conflito e escaneamento, uma vez que possui identidade e traz sentido ao conhecedor, não necessariamente apegada ao que os outros estavam dizendo.

¹⁶¹ LODER, 1989. p.38. *Constructive act of the imagination*. (tradução nossa)

¹⁶² LODER, James E. Transformation in Christian Education. In: ASTLEY, Jeff; FRANCIS, Leslie J.; CROWDER, Colin (Ed.). *Theological Perspectives on Christian Formation: A reader on theology and Christian Education*. Grand Rapids: Eerdmans, 1996. p.274. [...] *mediation is required for the elements of the original conflict to come together in a new way*. (tradução nossa)

¹⁶³ LODER, 1989. p.3-4. *Sooner or later the ingenuity of the spirit will surprise and often delight us with a constructive resolution that reconstellates the elements of the incoherence and creates a new, more comprehensive context of meaning. This new context transforms the previously conflicted elements or frames of reference, yet without distorting their integrity*. (tradução nossa)

4.2.4. Libertação e repadronização

O insight, por si só, não é capaz de encerrar o conflito. É preciso que, de alguma forma, haja um fechamento desta convicção, assumindo que o insight foi validado pelo ser como construtor da ponte que une os extremos da ruptura e incoerência instauradas, o que resulta no quarto estágio da Lógica da Transformação: libertação e repadronização.

Na situação de Jesus com seus discípulos, este fechamento do conflito é selado pelas palavras de Jesus em retorno à declaração de Pedro (Simão): “feliz é você, Simão, filho de Jonas! Porque isto não lhe foi revelado por carne ou sangue, mas por meu Pai que está nos céus” (Mt 16:17). Não somente para Pedro foi validado o encerramento do conflito, mas para todos os discípulos ali presentes. Ou seja, a experiência individual de Pedro em expressar seu insight, com confirmação recíproca de Jesus, serviu para pôr fim ao escaneamento dos demais.

É um princípio básico do espírito que energia seja aplicada e vinculada à incoerência, persistindo nos elementos conflitados, de modo a efetuar, se possível, uma transformação. Consequentemente, quando a resolução construtiva aparece, há uma liberação de energia atrelada ao conflito.¹⁶⁴

Tal “liberação de energia” (supracitada) é também descrita por Loder como o momento de “Aha!”, “Eureka!”, que expressa grande energia liberada pela descoberta de uma nova realidade, atrelada à satisfação do indivíduo em ser o protagonista deste conhecimento.¹⁶⁵ Desta forma, há um senso de libertação do conflito a que se estava aprisionado na busca por soluções. Psicologicamente, o conhecido Efeito Zeigarnik, contribui significativamente para este estágio, pela constatação experimental de Bluma Zeigarnik, que conclui que tarefas incompletas, inevitavelmente, ocupam a memória.¹⁶⁶ Assim, no momento em que o insight ganha convicção e externalização, o conflito é superado, o escaneamento finda e há liberação desta energia vinculada.

¹⁶⁴ LODER, 1989. p.4. *It is a basic principle of the spirit that energy is invested in and bound by the incoherence, holding on to the conflicted elements so as to effect, if possible, a transformation. Consequently, when the constructive resolution appears, there is a release of energy bound up with the conflict.* (tradução nossa)

¹⁶⁵ LODER, 1989. p.4.

¹⁶⁶ SEIFERT, C. M.; PATALANO, A. L. Memory for incomplete tasks: A re-examination of the Zeigarnik effect. In: HAMMOND, Kristian J.; GENTNER, Dedre (Ed.). *Proceedings of the Thirteenth Annual Conference of the Cognitive Science Society*. Chicago: Taylor & Francis, 1991. p.114-119.

Loder afirma que neste estágio, a “consciência é expandida pela, e para a medida da, resolução”,¹⁶⁷ da resposta encontrada, e que “sem a liberação da energia vinculada e a liberação da autotranscendência da consciência, deve ser assumido que o conflito não foi suficientemente resolvido e a mente inconsciente continuará a buscar por soluções”.¹⁶⁸

A partir da libertação causada pela convicção do insight, a repadronização automaticamente se instaura, fazendo emergir uma nova compreensão da realidade, na qual a transformação começa a ganhar espaço para contribuir na construção do processo de desenvolvimento humano. Nesta repadronização, voltando ao exemplo bíblico de Jesus com seus discípulos, um novo senso de propósito é revelado:

E eu lhe digo que você é Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do Hades não poderão vencê-la. Eu lhe darei as chaves do Reino dos céus; o que você ligar na terra terá sido ligado nos céus, e o que você desligar na terra terá sido desligado nos céus. (Mt 16:18-19)

4.2.5. Interpretação e verificação

O quinto e último estágio loderiano da Lógica da Transformação é intitulado interpretação e verificação. Este estágio, de acordo com Loder, possui duas vias concomitantes: congruência e correspondência.¹⁶⁹ Congruência porque traz sentido e conexão entre a nova realidade e a anterior ao conflito; e correspondência porque irá buscar afirmação da transformação nos frutos externos e posteriores à experiência de convicção.

Condizente com o impulso em direção à realização da continuidade, o espírito, afinal, busca confirmação e verificação por interpretar o insight de volta à incoerência para ver se suas condições têm sido satisfeitas. [...] Finalmente, a resolução deve ser submetida a um teste público.¹⁷⁰

O teste público de Pedro ocorreu seis dias depois, na experiência de testemunhar a transfiguração de Jesus (Mt 17:1-11). Estando Pedro com Jesus num

¹⁶⁷ LODER, 1989. p.39. [...] *consciousness is expanded by, and to the measure of, the resolution.* (tradução nossa)

¹⁶⁸ LODER, 1989. p.39. *Without the release of bound up energy and the liberation of the self-transcendence of consciousness, it must be assumed that the conflict has not been sufficiently resolved and the unconscious mind will continue to search for solutions.* (tradução nossa)

¹⁶⁹ LODER, 1989. p.39-40.

¹⁷⁰ LODER, 1989. p.4. *In keeping with this drive toward completion of continuity, the spirit eventually seeks confirmation and verification by interpreting the insight back into the incoherence to see whether its conditions have been met. [...] Finally, the resolution must be submitted to a public test.* (tradução nossa)

alto monte, “uma nuvem resplandecente os envolveu, e dela saiu uma voz, que dizia: ‘Este é o meu Filho amado em quem me agrado. Ouçam-no!’” (Mt 17:5). Desta forma, houve completa transformação e verificação da experiência de convicção, impulsionando Pedro a tornar-se um ícone no legado de Jesus Cristo. Utilizando o vocabulário loderiano, a convicção de que Jesus Cristo é o Filho do Deus vivo está agora encarnada em seu ser, mediante a transformação causada pela experiência que possibilita conhecimento que demarca a existência como um evento de convicção, um momento transformador.

Em suma, toda a lógica da transformação está baseada “na intenção de resolver conflito através da criação de novo conhecimento”.¹⁷¹

4.3. As Dimensões da Transformação

Uma das maiores preocupações de Loder no que tange à transformação humana, em sua relacionalidade com Deus através do Espírito e em seu próprio senso de propósito e desenvolvimento, é uma compreensão correta e abrangente do ser. A partir de seus estudos interdisciplinares e na sequência da sistematização da Lógica do Espírito, Loder define o ser humano como quadridimensional, especialmente no que diz respeito à sua composição ontológica. Por abordar a transformação através de distintas dimensões que afetam e constroem o ser, Loder amplia o entendimento das influências que corroboram a constituição humana e que, por consequência, são objeto de transformação. “A pressuposição sempre é que se a experiência de convicção é mais que mudança superficial, esta deve engajar e ser articulada em termos das quatro dimensões”.¹⁷² Estas dimensões são: o mundo vivido, o *self*, o vazio e o sagrado.

A partir desta leitura dimensional humana, a transformação pode ser enxergada como integrada ao desenvolvimento humano não apenas como um marco histórico ou um fator externo ao ser, mas na composição da personalidade ao longo de toda a vida, entre tantos estágios de maturidade que podem ser alcançados. Loder define o desenvolvimento humano natural como uma realidade que emerge a partir

¹⁷¹ LODER, 1989. p.41. [...] *the intention to resolve conflict through the creation of new knowledge.* (tradução nossa)

¹⁷² LODER, 1989. p.71. *The assumption always is that if convictional experience is more than superficial change, it must engage and be articulated in terms of four dimensions.* (tradução nossa)

da composição desta dimensionalidade: “desenvolvimento humano natural é uma realidade emergente, uma resultante da interação entre uma personalidade e seu ambiente, por meio da qual são dadas formas particulares e variadas às estruturas potenciais da personalidade ao longo do curso de uma vida”.¹⁷³

4.3.1. O Mundo Vivido ¹⁷⁴

O mundo vivido descrito por Loder como a primeira das dimensões do ser, e, conseqüentemente, da transformação, corresponde essencialmente ao ambiente com o qual o indivíduo se relaciona. Este mundo, objeto de constante mudança, tende a ser tanto percebido quanto absorvido, internalizado pelo corpo continuamente, como parte de uma natureza que gera a composição do ser. “O mundo do indivíduo é espontaneamente projetado e sustentado pela necessidade primordial de viver em um contexto unificado, compreensivo e significativo.”¹⁷⁵ Como já afirmado no capítulo anterior, é característica humana que no primeiro estágio de sua existência o indivíduo sequer faça distinção entre si mesmo e o ambiente. Para um bebê recém-nascido, o ambiente, a mãe e ele mesmo são unificados. Apenas posteriormente, a partir dos quatro meses de vida, aproximadamente, no organizador de personalidade que René Spitz intitula como “face”, começa a haver distinção do *self*, do ser como indivíduo.

Dessa forma, o mundo vivido é responsável pelo senso inicial de significado e identidade agregados à construção do ser, sendo inevitável ao desenvolvimento existencial: “ou o ser humano arrisca compor o ‘mundo’ ou perde o senso do que significa ‘ser’”.¹⁷⁶ Loder afirma ainda que, psicologicamente, casos polarizados, como depressão e paixão, são notórios exemplos de como o mundo vivido afeta a constituição do ser, respectivamente contraindo-se ou expandindo-se. “O mundo vivido subjaz e sustenta aquilo que normalmente chamamos de ‘realidade’.”¹⁷⁷ Neste entendimento, é possível estabelecer que não há realidade dissociada de seu mundo,

¹⁷³ LODER, James E. *Educational Ministry in the Logic of the Spirit*. Eugene: Cascade Books. 2018. p.107. *Normal human development is an emergent reality, a resultant of the interaction between a personality and its environment, whereby the potential structures of the personality are given particular and varied shape over the course of a lifetime.* (tradução nossa)

¹⁷⁴ LODER, 1989. p.71-75.

¹⁷⁵ LODER, 1989. p.71. *One’s “world” is spontaneously projected, and sustained by the primordial need to live in a unified, comprehensive, and meaningful context.* (tradução nossa)

¹⁷⁶ LODER, 1989. p.73. [...] *the human being either risks “world” composition or loses the sense of what it means “to be”.* (tradução nossa)

¹⁷⁷ LODER, 1989. p.72. *The lived “world” underlies and sustains what we ordinarily call “reality”.* (tradução nossa)

do ambiente em que foi construída, mesmo que seja apenas um dos tantos pontos de vista possíveis para esta mesma realidade, de acordo com o mundo de cada indivíduo. Em suma, “nós compomos ‘mundos’ [...] eles, por sua vez, retornam e ‘compõem’ a nós”:¹⁷⁸

Certamente, isto é parte do entusiasmo e milagre de ser humano, porque se realidade não fosse tão resiliente, flexível e frágil como ela é, adaptação e criação seriam infinitamente mais difíceis. Se nós não pudéssemos compor e recompor “mundos” simbolicamente e culturalmente, nós seríamos bem mais estáveis, porém bem menos humanos.¹⁷⁹

4.3.2. O Self ¹⁸⁰

O *self* constitui, primariamente, a dimensão do ser que determina a identidade da personalidade, a consciência mental, o chamado “eu”. Contudo, para Loder, apoiado em Kierkegaard, o *self* não é apto a constituir-se isoladamente, como uma entidade puramente distinta, mas corresponde a uma formação singular, produto da relação com os mundos vividos, fazendo referência à primeira dimensão abordada. É como se o *self* pudesse ser expresso como uma singular “materialização” do mundo vivido, uma materialização abstrata e ao mesmo tempo corporal, que resulta na concentração das informações absorvidas e que compõem o ser.

Uma das características principais do *self* é sua dualidade de conexão e desconexão com o corpo. O *self* é autoridade sobre o corpo e é expresso pelo corpo, sendo, ao mesmo tempo, o próprio corpo e distinto do corpo. Esta característica pode ser ilustrada, por exemplo, na autorreflexão. Quando o ser reflete sobre si mesmo, utiliza os sentidos como ferramenta para o autoconhecimento. Loder destaca que quando o *self* se autoanalisa, não está apenas comandando uma ação do corpo ou do cérebro, mas sim utilizando estes como se o “eu” fosse externo ao corpo. Não está pensando para uma ação, está pensando sobre si. Não está olhando para algum lugar, está olhando para si. Não está conhecendo algo externo, está conhecendo a si mesmo. Desta forma, o *self* pode ser claramente percebido como uma dimensão do

¹⁷⁸ LODER, 1989. p.72. *We compose “worlds” [...] they in turn feed back and “compose” us.* (tradução nossa)

¹⁷⁹ LODER, 1989. p.72. *Of course, this is part of the excitement and miracle of being human, because if reality were not as resilient, flexible, and fragile as it is, adaptation and creation would be infinitely more difficult. If we could not compose and recompose “worlds” symbolically and culturally, we would be far more stable but far less human.* (tradução nossa)

¹⁸⁰ LODER, 1989. p.75-80.

indivíduo, constituída pelo mundo vivido e expressa através do corpo, ao mesmo tempo que incorporada. É o *self* quem também “incorpora significado e propósito”¹⁸¹ à existência humana, não somente a materialização corporal do ser.

Uma segunda abordagem do *self* reside na compreensão de que ele também é composto pela relacionalidade com o outro. Não se pode esgotar a composição do *self* como uma identidade mental e corporal do “eu” singular, pois também é produto de relacionalidade. Para Loder, este é um estágio de desenvolvimento do *self*: romper com a individualidade mente-corpo para constituir a si mesmo e avançar para o desenvolvimento num contexto social. Quando o senso de “eu” é encontrado e afetado por outro “eu”, há uma reflexão constitutiva para o *self*. Importante salientar que este “outro” não é qualquer indivíduo, mas aquele para com o qual há uma abertura do “eu” para refletir a si mesmo nesta relacionalidade. Como na relacionalidade familiar, no apaixonar-se ou em laços profundos de amizade e mesmo na relação de discípulo. O *self* é afetado pela relacionalidade, a que ele mesmo proporcionou abertura constitutiva.

Como resultado, o *self* sobrepõe o “eu” e passa a remeter ao que se concebe como “consciência”, como um segundo estágio do *self*. O *self* como consciência priva-se, em seu comportamento, da centralidade do “eu” em detrimento do valor que dá à relacionalidade com o outro, ao passo que intimamente continua a valorizar a si mesmo em primeiro lugar. Contudo, por não encontrar solidez existencial simplesmente em “ser consciência” e como consequência a esta abertura à relacionalidade, segundo Loder, “isto leva ao terceiro estágio do *self*: o *self* como espírito”.¹⁸² Uma vez compreendido como espírito, o *self* encontra solidez existencial para deixar-se florescer e permitir ao outro a abertura para também “ser”, compreendendo o amor.

Transformação daquele fenômeno único “eu” naquele ainda mais marcante fenômeno, o *self* que dá amor, é em muitos aspectos o tema essencial de todo este estudo. Se, no caso de uma experiência de convicção, tal transformação não ocorrer, então é duvidoso se o sujeito experimentou o “sagrado”, o alicerce de sua humanidade.¹⁸³

¹⁸¹ LODER, 1989. p.77. [...] it... embodies meaning and purpose. (tradução nossa)

¹⁸² LODER, 1989. p.79. This leads to the third stage of the self: the self as spirit. (tradução nossa)

¹⁸³ LODER, 1989. p.80. Transformation of that unique phenomenon “I” into that yet more remarkable phenomenon, the self that gives love, is in many respects the essential theme of this entire study. If, in the case of convictional experience, such transformation does not occur, then it is doubtful whether one experienced the “Holy”, the ground of one’s human being. (tradução nossa)

4.3.3. O Vazio ¹⁸⁴

A terceira dimensão do ser classificada por Loder é o vazio. Este é correspondente à negação, inerente ao ser humano, que por sua vez compreende uma esfera existencial. “É parte da singularidade do ser humano que negação seja significativamente incluída na composição de nossos ‘mundos vividos’ e em nosso senso de ‘self’.”¹⁸⁵ Loder complementa que o vazio constitui uma “natureza pervasiva de insignificância na experiência ordinária”¹⁸⁶ e ainda que “o objetivo implícito de conflito, ausência, solidão e morte é o vazio”.¹⁸⁷

Como abordado no capítulo anterior, a negação constitui aspecto imprescindível ao desenvolvimento humano, pois é através dela que é despertado o processo de conhecimento transformacional e de convicção. O vazio como negação no processo de conhecimento transformacional é o ponto de partida para o conflito, fase inicial da lógica da transformação, quando o *self* é por ele confrontado em desestabilizar sua continuidade na relacionalidade com o mundo vivido.

Loder conecta a força do vazio existencial à desconexão do *self* com o sagrado. Quando o *self* ainda não se desenvolveu para além de si mesmo, não encontrando alicerce para sua compreensão de significado e propósito, o vazio assume o papel refletivo do que é a angústia mais profunda do ser: o vazio da presença de Deus. “O senso mais profundo de ausência que temos é a separação do *self* de sua Fonte.”¹⁸⁸

4.3.4. O Sagrado ¹⁸⁹

Se compreendido o ser como tridimensional, constituído pelo mundo vivido, o *self* e o vazio, ainda não há clareza de significado e propósito. Para Loder, “a razão pela qual não cessamos de viver está no profundo senso de que não somos criaturas

¹⁸⁴ LODER, 1989. p.80-85.

¹⁸⁵ LODER, 1989. p.81. [...] *it is part of the uniqueness of human being that negation is meaningfully included in the composition of our “lived worlds” and in our sense of “self”.* (tradução nossa)

¹⁸⁶ LODER, 1989. p.81. [...] *pervasive nature of nothingness in ordinary experience.* (tradução nossa)

¹⁸⁷ LODER, 1989. p.81. [...] *the implicit aim of conflict, absence, loneliness, and death is void.* (tradução nossa)

¹⁸⁸ LODER, 1989. p.81. *The deepest sense of absence we have is the separateness of the self from its Source.* (tradução nossa)

¹⁸⁹ LODER, 1989. p.85-91.

meramente tridimensionais”.¹⁹⁰ Neste aspecto, emerge a compreensão de uma nova dimensão, que Loder intitula como o Sagrado, que está sempre presente intuitivamente.

O Sagrado é a dimensão do ser que habilita a recomposição do mundo vivido a partir do conflito estabelecido pelo vazio. É esta a dimensão que permite a libertação e repadronização do *self* em busca do Mundo,¹⁹¹ cheio de propósito e significado pela conexão do ser com o Sagrado, através da relacionalidade Espírito-espírito. Nesta relacionalidade, o Sagrado traz ao *self* o alicerce, uma base de sustentação para romper com o vazio. Ou seja, o ser, através da dinâmica transformacional do *self* e da recomposição do mundo vivido, transpõe sua centralidade para a relacionalidade Espírito-espírito através da vivência com o Sagrado.

Quando surge serenidade da ansiedade, alegria da depressão, esperança da desesperança; quando o bem é devolvido ao mal, perdão toma o lugar da retaliação, e coragem triunfa sobre o medo; então reconhecemos o movimento de alguma coisa além da personalidade e saúde mental. Tais manifestações profundas do espírito humano são faces da quarta dimensão, a qual eu tenho chamado o Sagrado.¹⁹²

Como consequência, o *self* torna-se si mesmo pela primeira vez. Encontra-se em sua razão de ser quando centrado no Sagrado, quando a transformação é completada, axiomas são transpostos e uma nova realidade pode ser vivida. “Qualquer manifestação autêntica do Sagrado convencerá o ser humano de sua quádrupla dimensionalidade e o chamará ao seu alicerce em ser si mesmo”,¹⁹³ pois, como afirma Claude Tresmontant, “o fato é que o homem nunca esteve puramente em um estado natural, pois pode-se dizer que é sua natureza ser uma conexão entre o criado e o Criador”.¹⁹⁴

¹⁹⁰ LODER, 1989. p.85. *The reason we do not cease to live is the deep sense that we are not merely three-dimensional creatures.* (tradução nossa)

¹⁹¹ Mundo (com letra maiúscula) é a designação loderiana para o mundo vivido, dentre tantos possíveis, que é ressignificado pela relação com Deus (Loder, 1989. p.69).

¹⁹² LODER, 1989. p.89. *When serenity comes up out of anxiety, joy out of depression, hope out of hopelessness; when good is returned for evil, forgiveness replaces retaliation, and courage triumphs over fear; then we recognize the movement of something beyond the personality and mental health. Such profound manifestations of the human spirit are faces of the fourth dimension, which I have called the Holy.* (tradução nossa)

¹⁹³ LODER, 1989. p.91. *Any authentic manifestation of the Holy will convict human being of its four-dimensionality and call it toward its ground in being-itself.* (tradução nossa)

¹⁹⁴ TRESMONTANT, Claude. *A Study of Hebrew Thought.* New York: Desclee Company, 1960. p.108. *The fact is that man never was in purely natural state because, it might be said that it is his nature to be a link between created and the Creator.* (tradução nossa)

5. CONCLUSÃO

Por fim, chega-se ao momento no qual diversos questionamentos são satisfeitos, algumas hipóteses são fundamentadas e novos axiomas de realidade são obtidos, não somente pelo ponto final necessário de uma pesquisa, mas especialmente pela maturidade e amplitude adquiridas através do caminho percorrido, com novos parênteses, exclamações, dois pontos e reticências, que juntos descortinam novas interrogações a serem desdobradas em um futuro breve, seja como continuidade da obra até aqui edificada ou como novas possibilidades de alicerce para outras tantas que poderão ser erigidas.

As reflexões, descobertas e resultados obtidos ao longo desta pesquisa são propulsoras de grandiosa esperança para que a interdisciplinaridade da teologia prática possa contribuir na fundamentação do processo de amadurecimento holístico espiritual cristão, mediante práticas de discipulado, como papel ativo da atuação eclesial junto àqueles que são congregados pelo desejo comum de conhecer, servir e agradar a Deus, por meio de Jesus Cristo e em relacionalidade com o Espírito Santo, sendo mutuamente edificados.

O tema central e objetivo geral desta pesquisa é correspondente à investigação do desenvolvimento humano como prototípico para a maturação espiritual pelo discipulado, a partir da Lógica do Espírito de James E. Loder. Logicamente, esta é uma abordagem de caráter introdutório, tanto pela grandeza e profundidade a que é remetida, quanto pelo fato de ser, por ora, uma temática ainda pouco explorada no contexto teológico cristão brasileiro, e mesmo mundial. A esta proposição e ao aprofundamento necessário aos escritos de Loder, transfigurando sua linguagem para uma compreensão mais abrangente, se deve a escassez de referências bibliográficas ao longo da dissertação, para que pudesse ser possível compreender, ainda que inicialmente, os postulados loderianos além da superficialidade do que está diante dos olhos, com maior dedicação às suas obras e consequente necessidade de autofundamentação, pela complexidade de suas formulações.

Outrossim, esta pesquisa torna-se de valorosa relevância por se tratar de um dos poucos materiais disponibilizados em língua portuguesa acerca das principais

obras de James E. Loder, mesmo que investigadas sob um ponto de vista específico, o do discipulado em sua interação com a Lógica do Espírito. O ambiente acadêmico teológico prático só tem a ganhar conforme novos estudos possam ser impulsionados a aplicar o pensamento de Loder: da psicologia clínica à prática eclesial ministerial, do diálogo entre teologia e ciência a estudos antropológicos, de reflexões filosóficas à educação cristã, amplas são as esferas de ação nas quais Loder pode contribuir com sua vida e obra.

Remetendo ao tema proposto, como considerações relevantes que produzem respostas às angústias que levaram a cabo esta pesquisa, cabe primeiramente ressaltar, na ordem em que a dissertação se desenvolveu, o alerta para com a influência do dualismo platônico transfigurado para o cristianismo a partir da distinção entre sagrado e profano, herança da separação dual entre matéria e ideias, resultando na concepção de que natural e sobrenatural sejam mundos tão distintos que se tornem opostos. Urge um despertar do cristianismo de volta a suas raízes, que podem ser vislumbradas tanto pela cultura bíblica quanto pela própria criação divina, para que se conceba a espiritualidade como parte integral da vida, dando sentido muito mais profundo às relações de discipulado, para a construção de tantos propósitos de Deus que ainda possam estar incubados em tantos ambientes cristãos, com corações desejosos por cumprir a vontade do Senhor.

James E. Loder propõe uma forma de pensar esta integralidade e atuação do Espírito de Deus através da Lógica do Espírito. Esta é uma dentre tantas formas possíveis de se enxergar tal interação e fluência da presença e propósitos de Deus em relacionalidade com o espírito humano e, conseqüentemente, com todo seu ser e ambiente em que vive. Torna-se uma lógica relevante de estudo e modelamento para as práticas eclesiais ministeriais, especialmente por sua característica analógica e científica em fundar-se a partir da natureza humana de desenvolvimento e maturação. Não se trata de um dogma religioso criado para espantar heresias, mas de uma profunda leitura científica da atuação do Espírito de Deus sobre a natureza humana com base nas próprias características pulsantes da vida, comum a toda humanidade.

A partir da descoberta desta linguagem loderiana, baseada em relacionalidade, analogia e transformação, torna-se viável a correlação do desenvolvimento humano (em relacionalidade Espírito-espírito) com o

desenvolvimento espiritual, que pode ser lido como o processo de amadurecimento espiritual cristão daqueles que, por sua decisão e sob a Palavra de Deus, desejam relacionar-se com o Criador a ponto de serem transformados e capacitados à compreensão de Sua vontade, que é boa, perfeita e agradável (Rm 12:2).

Nesta perspectiva, o discipulado, numa proposta também relacional, entra em cena como análogo às funções parentais sobre o ser humano, e seu destino de maturidade, para que este também esteja apto a gerar sua própria posteridade. Cabe ilustrar esta necessidade latente na constituição da igreja desde os escritos neotestamentários, quando por exemplo, para citar apenas uma ocorrência, o que o escritor de Hebreus constata sobre a maturidade daqueles a quem endereça sua carta:

Embora a esta altura já devessem ser mestres, vocês precisam de alguém que lhes ensine novamente os princípios elementares da palavra de Deus. Estão precisando de leite, e não de alimento sólido! Quem se alimenta de leite ainda é criança, e não tem experiência no ensino da justiça. Mas o alimento sólido é para os adultos, os quais, pelo exercício constante, tornaram-se aptos para discernir tanto o bem quanto o mal. (Hb 5:12-14)

Uma das esperanças que movem a proposição desta temática é que se possa perceber uma igreja cada vez mais madura e, logicamente, menos infantil em suas preocupações, motivações e relacionamentos. O Corpo de Cristo não pode ser resumido como a escolha de pertencer a uma religião, na esfera social em que se está inserido, mas deve refletir a compreensão da restauração de todas as coisas mediante a salvação, em Cristo, numa vida completamente influenciada pela relação com o Espírito de Deus, em todos os seus desígnios, para que cada cristão e cristã possa sentir-se completando sua carreira, avançando em maturidade.

O texto suprarreferido exalta o “exercício constante” na vida espiritual. Neste aspecto, que é fruto de maturidade e alicerçado pelo discipulado, podem ser embasados diversos conceitos loderianos apresentados: de experiências de convicção, que passam por um processo de convicção, através de uma lógica transformacional que, por fim, conduzem a momentos transformadores, cuja contribuição é significativa para a constituição existencial do indivíduo e de sua relação com Deus.

Derradeiramente, uma nova leitura é proposta para a dimensionalidade do ser humano, concebendo-o como produto do mundo vivido, do *self*, do vazio e do sagrado.

O discipulado é um dos caminhos que encurtam a descoberta do Sagrado, através do amor, em sua forma mais pura, vinda de Deus, que dá raízes ao *self*, anulando o vazio e impactando todas as esferas do mundo vivido, tornando o ser apto a construir seu mundo com base em raízes que não são superficiais, mas que trazem sentido à vida por meio da relação Espírito-espírito.

Faz-se válida a referência ao fato de que, nos últimos dois meses desta pesquisa, foi possível estabelecer um projeto de doutorado em sequência à temática proposta, na busca pela compreensão do fenômeno do processo de amadurecimento cristão transfigurado numa teologia relacional, num diálogo entre James E. Loder, com a *Lógica do Espírito*, e Harold R. Eberle, com a teologia sistemática *Pai-Filho*. Provavelmente, num futuro breve, novas considerações e formulações virão à tona para solidificar vários dos conceitos introduzidos nesta dissertação.

Como abertura para novas abordagens, é propício ressaltar uma das tantas afirmações que causaram profundidade e relevância na reflexão existencial e transformativa do ser humano, com vistas à interação Espírito-espírito:

Parece razoável afirmar, instigando este estudo introdutório sobre os pressupostos loderianos, que a existência humana, o período de vida do indivíduo, é a ponte para a descoberta de Deus, como Autor de sua vida e de toda a criação, que se revela por meio de seu Espírito através da própria natureza (especialmente a humana), para que, por meio de suas próprias descobertas existenciais e de propósito, com o guiar do Espírito, o ser humano possa estar convicto de sobrepujar a morte, de prevalecer sobre esta que reside no mistério, na incerteza e no medo.¹⁹⁵

Que o reflexo da convicção existencial de significado e propósito, a partir do vínculo amoroso e transformativo com um Deus essencialmente relacional, remeta à ressignificação da realidade, dos valores, da cultura e dos propósitos humanos. Que o discipulado, em sua análoga relacionalidade, imagem da relação com o divino, torne-se também uma dimensão do sagrado, com vínculos profundos, maduros e construtivos à saúde e contínua restauração da Igreja, em direção aos propósitos de sua existência, a partir de Cristo. Viva-se mais intensamente a família espiritual sonhada pelo Criador, tendo a restauração da parentalidade e filiação espiritual como um de seus alicerces. “Portanto, vocês já não são estrangeiros nem forasteiros, mas concidadãos dos santos e membros da família de Deus” (Ef 2:19).

¹⁹⁵ p.50.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *A cultura no mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BECKETT, John D. *Adoro Segunda-Feira! O empresário cristão a serviço do Reino de Deus*. São Paulo: ABU Editora, 2000.

BELLEVILLE, Linda L. "Imitate Me, Just as I Imitate Christ": Discipleship in the Corinthian Correspondence. In: LONGENECKER, Richard N. (Ed.). *Patterns of discipleship in the New Testament*. Grand Rapids: Eerdmans, 1996.

BERNARD, J. H. *A critical and exegetical commentary on the Gospel according to St. John*. New York: Charles Scribner's Sons, 1929. 2 v.

BEST, Ernest. *A commentary on the First and Second Epistles to the Thessalonians*. London: Adam & Charles Black, 1977.

BÍBLIA. Português. Almeida. 1999. SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. *Bíblia de estudo Almeida*. Ed. Revista e atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BÍBLIA. Português. Nova Versão Internacional. 2003. BARKER, Kenneth (Org.). *Bíblia de Estudo NVI*. São Paulo: Editora Vida, 2003.

BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.

BÜRKI, Hans. *Melhor é serem dois: Uma reflexão sobre questões básicas do convívio humano e da comunhão a dois*. São Paulo: ABU, Umuarama: Livros CO-LAB, 1976.

BUTZKE, Paulo Afonso. Aspectos de uma espiritualidade luterana para nossos dias. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 43, n. 2, p.104-120, 2003.

COTTLE, Ron. *The Joining of The Lord: Understanding Spiritual Father and Son Relationships*. Ed. Kindle. Columbus: REC Ministries, 2012.

CIVIT, Isidro Goma. *El Evangelio segun San Mateo*. Barcelona: Facultad de Teologia de Barcelona, 1976-1980.

CRANFIELD, C. E. B. *Carta aos Romanos*. São Paulo, SP: Paulinas, 1992.

GOMES, Paulo Sérgio; OLIVETTI, Odair. *Novo Testamento Interlinear Analítico Grego-Português – texto majoritário com aparato crítico*. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

HAITCH, Russell. "Trampling Down Death by Death": Double Negation in Developmental Theory and Baptismal Theology. In: WRIGHT, Dana R.; KUENTZEL,

John D. (Ed.). *Redemptive Transformation in Practical Theology: essays in honor of James E. Loder Jr.* Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 2004. p. 43-68.

HENDRIKSEN, William. *New Testament commentary: I and II Thessalonians.* London: Banner of Truth Trust, 1972.

KALMBACH, Pedro. *Bautismo y educación: contribuciones para el actuar pedagógico comunitario.* Buenos Aires: O autor, 2005.

KOVACS, Kenneth E. *The Relational Theology of James E. Loder: encounter and conviction.* New York: Peter Lang Publishing, 2011.

LODER, James E. *Educational Ministry in the Logic of the Spirit.* Eugene: Cascade Books. 2018.

_____; NEIDHARDT, W. Jim. *The Knight's Move: The Relational Logic of the Spirit in Theology and Science.* Colorado Springs: Helmers & Howard, 1992.

_____. *The Logic of the Spirit: human development in theological perspective.* San Francisco: Jossey-Bass, 1998.

_____. *The Transforming Moment.* 2 ed. Colorado Springs: Helmers & Howard, 1989.

_____. Transformation in Christian Education. In: ASTLEY, Jeff; FRANCIS, Leslie J.; CROWDER, Colin (Ed.). *Theological Perspectives on Christian Formation: A reader on theology and Christian Education.* Grand Rapids: Eerdmans, 1996.

NAYLOR, A.J. (Ed.); MORROW, A. (Co-Ed.). *Developmental Readiness of Normal Full Term Infants to Progress from Exclusive Breastfeeding to the Introduction of Complementary Foods.* Washington: Wellstart International e LINKAGES Project/Academy for Educational Development, 2001.

OVERMAN, Christian. *Assumptions That Affect Our Lives: How Worldviews Determine Values that Influence Behavior and Shape Culture.* 8 ed. Kindle Edition. Belleuve: Ablaze Publishing Company, 2012.

PEARCE, Joseph C. *A Criança Mágica: a redescoberta do plano da natureza para nossas crianças.* 3 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987.

SCHAEFFER, Francis A. *A Christian Manifesto.* Ed. Kindle. Illinois: Crossway Books, 2005.

SEIFERT, C. M.; PATALANO, A. L. Memory for incomplete tasks: A re-examination of the Zeigarnik effect. In: HAMMOND, Kristian J.; GENTNER, Dedre (Ed.). *Proceedings of the Thirteenth Annual Conference of the Cognitive Science Society.* Chicago: Taylor & Francis, 1991. p.114-119.

SCHÖKEL, Luis Alonso. *Reyes.* Madrid: Ediciones Cristiandad, 1973.

SIMSON, Wolfgang. *Casas que transformam o mundo: igreja nos lares*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2001.

SPITZ, René A. *O Primeiro Ano de Vida: um estudo psicanalítico do desenvolvimento normal e anômalo das relações objetais*. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

THWAITES, James. *Renegotiating the Church Contract*. Carlisle: Paternoster Press, 2001.

TILLICH, Paul. *História do Pensamento Cristão*. São Paulo: ASTE, 1988.

TRESMONTANT, Claude. *A Study of Hebrew Thought*. New York: Desclee Company, 1960.

VINE, W.E. *Dicionário Vine: O significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2016.

WAGNER, C. Peter. *Os cristãos no ambiente de trabalho: como o povo de Deus pode transformar a sociedade*. São Paulo: Editora Vida, 2007.

WAGNER, Ricardo. *Filhos Fiéis*. Teutônia, Rede Apostólica Cristã, 01 out. 2011. Palestra ministrada durante a Conferência de Líderes 2011.

WINNICOTT, D. W. *A família e o desenvolvimento individual*. 4. ed. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2011.

WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. São Paulo, SP: Hagnos, 2007.

WONDRACEK, Karin H. K. A Criança como Chave Hermenêutica. In: FASSONI, Klênia; DIAS, Lissânder; PEREIRA, Welinton. (Org.). *Uma criança os guiará: por uma teologia da criança*. Viçosa, MG: Ultimato, 2010.

_____; REHBEIN, Matthew L.; CARTELL, Letícia N. *Desenvolvimento humano na lógica do Espírito: introdução às ideias de James E. Loder*. Joinville: Grafar, 2012.

WRIGHT, N. T. *Simplesmente Cristão*. Viçosa: Ultimato, 2008.